

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura

Especialização em
Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Máslova Teixeira Valença

“NAVEGAR É PRECISO”:
Registros visuais do dia a dia na pandemia

Rio de Janeiro
2022



Máslova Teixeira Valença

“NAVEGAR É PRECISO”:
Registros visuais do dia a dia na pandemia

Monografia apresentada ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína Laport Bêta

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

V152 Valença, Máslova Teixeira
“Navegar é preciso”: registros visuais do dia a dia na pandemia /
Máslova Teixeira Valença. - Rio de Janeiro, 2022.

77 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sabres e Fazes no
Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Janaína Laport Bêta.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Livros de artistas. 3. Pandemia.
4. Covid-19. I. Bêta, Janaína Laport. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Máslova Teixeira Valença

“NAVEGAR É PRECISO”:
Registros visuais do dia a dia na pandemia

Monografia apresentada ao Programa de Especialização em Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Doutora Janaína Laport Bêta(Orientadora)
Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais
Departamento de Artes Visuais / Colégio Pedro II (SFEAV - DAV / CPII)

Mestre Maria Lia Gauthier Conde Pinto
Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais
Departamento de Artes Visuais / Colégio Pedro II (SFEAV - DAV / CPII)

Doutora Greice Cohn
Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais
Departamento de Artes Visuais / Colégio Pedro II (SFEAV - DAV / CPII)
Grupo de pesquisa Cinema e Educação
Universidade Federal do Rio de Janeiro (CINEAD - UFRJ)

Rio de Janeiro
2022

Aos queridos
Mário, Aloy e Cláudio,
amigos que a covid levou.

AGRADECIMENTOS

Aos professores, pela dedicação para que esse curso acontecesse apesar da pandemia.

À Janaína Laport Bêta, pela orientação e parceria.

Aos colegas de turma, pelo companheirismo, respeito e acolhimento durante todo esse processo.

À Douglas Britto, pela disponibilidade em me ajudar com o mundo digital durante o curso.

À Beth Rocha e Lucas Gianini, do Cedro da Gávea, pela ajuda com o formato do *Diário da quarentena*.

À Luísa Reis, pela escuta e revisão do texto.

À Ronaldo Reis e Pedro Reis, pela paciência na pandemia e fora dela.

À Ana Clara Meireles, Ana Lucia Fernandes, Bárbara Monteiro, Beth Rocha, Inês Valença, Lilia Maria Vicentin, Rose Zuanetti e Valéria Meireles pela intensa troca no grupo do *Diário da quarentena*.

*Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos...
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo...
Tempo tempo tempo tempo...*

- Caetano Veloso

RESUMO

VALENÇA, Máslova Teixeira. “**Navegar é preciso**”: registros visuais do dia a dia na pandemia. 2022. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a construção de um livro/caderno/diário de artista criado durante a quarentena imposta pela covid-19 no ano de 2020. A partir das imagens produzidas nesse período pela autora, o estudo procura compreender as dificuldades impostas pelo confinamento no tempo-espço da pandemia, com base nos estudos do filósofo sul coreano Byung-Chul Han (2017 e 2021). Discute os conceitos de livro/caderno/diário no âmbito das artes visuais, tendo por base a leitura de Paulo Silveira (2008), Annateresa Fabris (2009), Clarissa Lopes Suzuki (2014), Márcia Regina Pereira de Sousa (2011), Márcia Moreno (2016) e Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (2018). E destaca a importância das narrativas para o conhecimento e apropriação da realidade, bem como suas potencialidades nos campos da arte e do ensino de artes visuais, a partir de autores como Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (2018), Grada Kilomba (2019) e Walter Benjamin (1985). Construção da identidade, desenvolvimento da autonomia e resgate da memória são alguns dos aspectos que podem ser estimulados por essa prática artística, segundo Inês Almeida (2012), Clarissa Lopes Suzuki (2014), Cindy Triana Guzman (2015) e Rose Mary Rodrigues (2020), autoras que embasam a análise acerca das práticas pedagógicas nas quais se baseiam esse estudo.

Palavras-chave: Livro de artista; diário da quarentena; artes visuais; pandemia; covid.

ABSTRACT

VALENÇA, Máslova Teixeira. “**Navegar é preciso**”: Registros visuais do dia a dia na pandemia. 2022. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2022.

This paper presents a reflection on the construction of an artist’s book/notebook/diary, created during the quarantine imposed by covid-19 in the year 2020. From the images produced in this period by the author, the study seeks to understand the difficulties imposed by confinement in the time-space of the pandemic, based on the studies of the South Korean philosopher Byung-Chul Han (2017 and 2021). It’s a discussion about the concepts of book/notebook/diary within the visual arts, based on the reading of Paulo Silveira (2008), Annateresa Fabris (2009), Clarissa Lopes Suzuki (2014), Márcia Regina Pereira de Sousa (2011), Márcia Moreno (2016) and Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (2018). And it highlights the importance of narratives for the knowledge and appropriation of reality, as well as their potential in the fields of art and art teaching, from authors such as Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (2018), Grada Kilomba (2019) and Walter Benjamin (1985). Identity construction, autonomy development and memory rescue are some of the aspects that can be stimulated by this artistic practice, according to Inês Almeida (2012), Clarissa Lopes Suzuki (2014), Cindy Triana Guzman (2015) and Rose Mary Rodrigues (2020), authors who support the analysis of the pedagogical practices that justify this study.

Keywords: Artist book; quarantine diary; visual arts; pandemic; covid.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Atividade 1: Parceiros de quarentena.....	p. 19
Imagem 2 - Atividade 2: O meu lugar.....	p. 19
Imagem 3 - Atividade 3: Aprendendo.....	p. 20
Imagem 4 - Atividade 4: É muita mensagem, minha gente.....	p. 20
Imagem 5 - Atividade 14: Papo e Lero.....	p. 20
Imagem 6 - Atividade 29: Palavras.....	p. 21
Imagem 7 - Atividade 11: Janela.....	p. 22
Imagem 8 - Atividade 25: Azulejos.....	p. 22
Imagem 9 - Atividade 16: Plantas.....	p. 23
Imagem 10 - Atividade 33: Borboleta na janela.....	p. 23
Imagem 11 - Atividade 30: Luz e sombra.....	p. 24
Imagem 12 - Atividade 20: Hoje choveu.....	p. 24
Imagem 13 - Atividade 19: Eu li.....	p. 28
Imagem 14 - Atividade 34: Varre, varre, vassourinha.....	p. 28
Imagem 15 - Atividade 13: Cozinhar.....	p. 29
Imagem 16 - Atividade 26: Mão.....	p. 29
Imagem 17 - Atividade 27: Outra função.....	p. 29
Imagem 18 - Atividade 5: Eu e as redes.....	p. 30
Imagem 19 - Atividade 6: Medo.....	p. 33
Imagem 20 - Atividade 8: Vi na TV.....	p. 33
Imagem 21 - Atividade 12: Saudades.....	p. 34
Imagem 22 - Atividade 28: Cabelos.....	p. 34
Imagem 23 - Atividade 31: Visual na quarentena.....	p. 34
Imagem 24 - Atividade 21: Mar.....	p. 35
Imagem 25 - Atividade 39: Mesa.....	p. 37
Imagem 26 - Atividade 23: Estante branca.....	p. 37
Imagem 27 - Atividade 15: Minha cozinha.....	p. 38
Imagem 28 - Atividade 10: Heróis.....	p. 38
Imagem 29 - Atividade 38: Andar com fé.....	p. 38
Imagem 30 - Atividade 35: Espetinho.....	p. 38
Imagem 31 - Atividade 53: Calendário.....	p. 39
Imagem 32 - Daily mirror book, de Dieter Roth, 1961.....	p. 43

Imagem 33 - Twentysix gasoline stations, de Edward Ruscha, 1963.....	p. 43
Imagem 34 - Manual da ciência popular, Waltércio Caldas, 1982 A.....	p. 44
Imagem 35 - Manual da ciência popular, Waltércio Caldas, 1982 B.....	p. 45
Imagem 36 - Atividade 60: Todos os dias.....	p. 47
Imagem 37 - Atividade 70: Ângulos da janela.....	p. 48
Imagem 38 - Atividade 67: Minha fachada.....	p. 49
Imagem 39 - Atividade 78: Meus vizinhos.....	p. 49
Imagem 40 - Atividade 46: Solzinho.....	p. 49
Imagem 41 - Atividade 73: Companheiro.....	p. 50
Imagem 42 - Atividade 74: Arco-íris.....	p. 54
Imagem 43 - Atividade 54: Céu na janela.....	p. 55
Imagem 44 - Atividade 72: Foguete.....	p. 55
Imagem 45 - Atividade 50: Indígenas.....	p. 56
Imagem 46 - Atividade 61: De pernas pro ar.....	p. 56
Imagem 47 - Atividade 59: Homenagem.....	p. 57
Imagem 48 - Atividade 57: Aquecendo.....	p. 57
Imagem 49 - Atividade 71: Profissionais da saúde.....	p. 58
Imagem 50 - Atividade 65: Máscara.....	p. 58
Imagem 51 - Atividade 47: Baú.....	p. 61
Imagem 52 - Atividade 58: Viagens.....	p. 62
Imagem 53 - Atividade 66: Filme.....	p. 62
Imagem 54 - Atividade 42: Noites com Teresa.....	p. 62
Imagem 55 - Atividade 62: Barco.....	p. 63
Imagem 55 - Atividade 80: Jornada.....	p. 64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VELAS AO MAR	15
2.1 Para tudo, a pandemia chegou!	15
2.2 Confinamento em imagens	18
2.3 Tempo vazio	21
3 DESTINO INCERTO	25
3.1 Da tempestade à calmaria	25
3.2 Percalços do caminho	30
3.3 Respirar, contemplar, criar	35
4 MEMÓRIAS DE VIAGEM.....	39
4.1 Livro, caderno, diário	40
4.2 Narrativa como método	50
4.3 Prática artística como prática pedagógica	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	65
ANEXO I.....	68

1 INTRODUÇÃO

No fim de 2019, fui aprovada na seleção para integrar a segunda turma do curso de especialização *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*, no Colégio Pedro II. As aulas começaram em março de 2020, com grande expectativa. Nos primeiros encontros, dois desafios nos foram apresentados como requisitos para a conclusão do curso: um trabalho acadêmico, no formato de uma monografia, e um trabalho artístico, no formato de um caderno. Surpreendidos pela pandemia do coronavírus, fomos obrigados a suspender todas as atividades presenciais e nos recolher às nossas casas.

Pouco depois de iniciado o confinamento, me dediquei à construção de um diário da quarentena, uma prática artística que me ajudou a encarar os primeiros tempos da pandemia. Influenciada pela sugestão de produzir um caderno de artista ou guiada pela necessidade de manter, de alguma forma, minha atuação docente e o contato com os meus, criei atividades diárias para compor um diário visual durante a quarentena. Além disso, quando retomamos as aulas do curso de especialização, seis meses depois, em um modelo virtual, montei um caderno de artista que também teve como pano de fundo o dia a dia da quarentena.

Desse modo, durante a pandemia do coronavírus, ao longo dos anos de 2020 e 2021, produzi duas obras visuais com características e objetivos distintos, mas que têm em comum o formato caderno. A primeira surgiu da necessidade de ocupar o tempo, que se estendeu e alongou de forma estranha durante a pandemia, com uma prática artística cotidiana. Foi feita com desenhos, fotos e colagens das atividades cotidianas nesse período, da minha casa, onde passei praticamente um ano e meio em reclusão, e dos sentimentos que nos atravessaram. A segunda teve como objetivo registrar alguns dos temas tratados no curso de forma poética. Foi construída em diálogo com as notícias publicadas nas páginas dos jornais que se acumularam ao longo da quarentena, porque eu não tinha coragem de tocá-los com receio da contaminação.

Aqui, pretendo refletir acerca desses fazeres e de seus possíveis desdobramentos no ensino de artes visuais. Nesses escritos vou me dedicar ao diário, porque ele foi uma prática coletiva e que envolveu a um só tempo meu trabalho como professora e como artista. Ressalto que esse objeto não estava no meu horizonte de interesse até a chegada da pandemia e o início do curso *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*. Na verdade, nunca antes havia conseguido preencher um caderno por completo. Sempre

dispersa, meus interesses mudavam e as páginas se enchiam de lacunas, logo sendo abandonadas. Foram muitos inícios. Na adolescência, meus cadernos eram uma *rabisqueira* sem fim: juntavam as equações das aulas de física e matemática com esboços de retratos dos colegas, plantas aquáticas e outras viagens. Hoje, diriam que eles eram verdadeiros *sketchbooks*¹. Também me distraía fazendo cadernos ilustrados de letras de música, de matérias relevantes sobre política e educação e de artistas que se destacavam no cinema e na TV, com colagens e adornos que eu mesma fabricava. Era algo parecido com o que hoje as crianças e jovens chamam de *scrapbook*², evidentemente com muito menos recursos.

A verdade é que a pandemia abriu espaço na minha vida para a retomada dessas práticas. O tempo vazio acabou preenchido por essas páginas visuais. Também me ocupei buscando na internet cadernos de artistas famosos como Frida Kahlo, Paul Klee, Leonardo da Vinci, Van Gogh e Rembrandt, entre outros. E livros de artistas, como os de Sônia Gomes, Sérgio Adriano H, Julio Plaza, Augusto de Campos. Mas afinal, é possível estabelecer um ponto de contato entre práticas tão distintas? Que poéticas e narrativas cabem em cadernos, livros ou diários de artistas? Quais objetos artísticos podem ser incluídos nessas categorias? Em quê essas práticas podem enriquecer o ensino de artes visuais?

Essas foram algumas das questões suscitadas por essa prática, que buscaremos em alguma medida discutir nesses escritos. Em consonância com o objeto dessa análise, procurei estruturar esse texto como um caderno de anotações, trazendo para a escrita o tom intimista do diário, sem perder o rigor e a formatação necessários a um trabalho acadêmico. Nele, incorporo ainda uma trilha sonora, na forma de algumas letras de canções cujo sentido se integra ao conteúdo que desejo expressar. É importante destacar que a música e os músicos, assim como as artes visuais, tiveram um papel importante nessa pandemia, colaborando para a manutenção de nossa saúde mental, seja quando os escutamos nos dispositivos eletrônicos, seja quando assistimos às inúmeras *lives*³ que produziram. No texto, também trago imagens do *Diário da quarentena*, organizadas a partir da necessidade discursiva da reflexão que me proponho a fazer aqui, e não na ordem cronológica em que foram realizadas. As imagens estão acompanhadas de breves

¹*Sketchbook* é um termo em inglês que designa um caderno de rascunhos/esboços usado por criadores para registrar ideias e projetos.

²*Scrapbook* é um termo em inglês usado para designar um caderno de memórias construído com recortes/colagem de fotos, cartas e outros objetos afetivos.

³*Live* é um termo em inglês que designa uma transmissão de áudio e vídeo feita por meio das redes sociais, ao vivo, pela internet.

comentários que ajudam a fazer a relação entre o momento de sua criação e análise aqui empreendida.

Estruturei o texto em três capítulos. No primeiro, falo da chegada da pandemia e do surgimento e desenvolvimento do *Diário da quarentena*. No segundo, discuto os impactos do confinamento em nossos corpos e mentes, a partir do confronto entre as imagens por mim produzidas e alguns textos do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han: *Sociedade do cansaço* (2017), *Sociedade paliativa: a dor hoje* (2021b) e *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo* (2021a). Já no terceiro e último capítulo, trato do produto de todo esse trabalho, refletindo sobre os conceitos de livro/caderno/diário no âmbito das artes visuais, tendo por base a leitura de Paulo Silveira (2008), Annateresa Fabris (2009), Clarissa Lopes Suzuki (2014), Márcia Regina Pereira de Sousa (2011), Márcia Moreno (2016) e Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (2018). Falo também da importância das narrativas como método de conhecimento e apropriação de uma dada realidade e de suas potencialidades no ensino de artes visuais, a partir da leitura de Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (2018), Grada Kilomba (2019) e Walter Benjamin (1985). E reflito sobre as possibilidades pedagógicas do livro/caderno/diário de artista a partir das leituras de Inês Almeida (2012), Clarissa Lopes Suzuki (2014), Cindy Triana Guzman (2015) e Rose Mary Rodrigues (2020).

2 VELAS AO MAR

Estávamos em terra firme. Não era exatamente o melhor dos mundos, mas íamos caminhando. Era um início de ano comum, período que sempre renovam nossas esperanças, nos fazendo acreditar em novos rumos e possibilidades. Tudo indicava que 2020 seria um ano como outro qualquer. Mas, de repente, fomos lançados em uma estranha viagem, todos no mesmo barco: asiáticos, americanos, europeus, africanos. Não havia distinção de cor, credo ou orientação sexual: o vírus ameaçava a todos, podendo passar despercebido ou atacar o sistema respiratório e circulatório, levando o doente a óbito em pouco tempo ou em uma agonia que se estendia por meses. A Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou pandemia e recomendou o isolamento social como forma de evitar o contágio.

Veio um período longo de confinamento, no qual tivemos que reorganizar a rotina doméstica, estabelecer novas formas de relacionamento interpessoal e nos submeter a uma situação inteiramente nova, angustiante, incerta, com a morte rondando nossa porta. Saímos de um porto relativamente seguro rumo ao desconhecido, sem saber quando nem onde atracaríamos. Restava viver a viagem. Logo, percebemos que não estávamos exatamente no mesmo barco: uns faziam a viagem de transatlântico, outros de bote ou caiaque, enquanto alguns se agarraram a bóias improvisadas e seguiram como puderam.

Meu barco era seguro, mas não havia rota definida nem bússola a nos orientar. A forma que encontrei de sobreviver foi não pensar no longo prazo. Era preciso viver um dia de cada vez. Tentarei mostrar nesse capítulo como foram aqueles primeiros momentos da pandemia, o início do confinamento, o surgimento do *Diário da quarentena* e sua transformação ao longo da viagem. Zarpemos nessa aventura.

2.1 Para tudo, a pandemia chegou!

Sexta-feira, dia 13 de março de 2020

Em virtude da disseminação do coronavírus, as autoridades sanitárias brasileiras recomendaram quinze dias de confinamento para toda a população. Perplexos e atordoados, nos preparamos para seguir a orientação: só os serviços essenciais deveriam funcionar. Quem não fosse trabalhador das áreas de transporte, saúde, alimentação ou

limpeza urbana deveria ficar em casa. Era a forma de reduzir o contágio e o colapso dos sistemas de saúde.

Sábado, dia 14 de março de 2020

Sem uma ideia muito clara do que estava acontecendo, fui à segunda aula do curso de pós-graduação *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*, no Colégio Pedro II de São Cristóvão. Saí de lá com uma sensação estranha, mas certa de que ficar em casa por quinze dias seria o suficiente para barrar a pandemia e que logo tudo voltaria ao normal.

Domingo, dia 15 de março de 2020

Depois de um longo debate familiar, decidimos manter o almoço na casa da minha mãe, como fazíamos todo domingo. Afinal, precisávamos nos despedir já que passaríamos uns quinze dias sem nos ver. Estávamos apreensivos, mas confiantes de que venceríamos a pandemia.

Segunda, dia 16 de março de 2020

Primeiro dia de efetivo confinamento. Parecia uma espécie de feriado prolongado. Fiz planos para colocar a casa em ordem, arrumar as gavetas e os papéis, fazer uma boa faxina e ver TV. As ruas vazias me trouxeram à mente a canção de Raul Seixas:

Essa noite
Eu tive um sonho de sonhador
Maluco que sou, eu sonhei
Com o dia em que a Terra parou

Foi assim
No dia em que todas as pessoas do planeta inteiro
Resolveram que ninguém ia sair de casa
Como que se fosse combinado, em todo o planeta
Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém

O empregado não saiu pro seu trabalho
Pois sabia que o patrão também não tava lá
A dona de casa não saiu pra comprar pão
Pois sabia que o padeiro também não tava lá

E o guarda não saiu para prender
Pois sabia que o ladrão também não tava lá
E o ladrão não saiu para roubar
Pois sabia que não ia ter onde gastar

E nas Igrejas nem um sino a badalar
 Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá
 E os fiéis não saíram pra rezar
 Pois sabiam que o padre também não tava lá

E o aluno não saiu para estudar
 Pois sabia, o professor também não tava lá
 E o professor não saiu pra lecionar
 Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar

O comandante não saiu para o quartel
 Pois sabia que o soldado também não tava lá
 E o soldado não saiu pra ir pra guerra
 Pois sabia que o inimigo também não tava lá

E o paciente não saiu pra se tratar
 Pois sabia que o doutor também não tava lá
 E o doutor não saiu pra medicar
 Pois sabia que não tinha mais doença pra curar

No dia em que a Terra parou
 No dia em que a Terra parou
 (SEIXAS, 1977)

Terça, dia 17 de março de 2020

A cidade estava calma, mas havia uma apreensão no ar. Os grupos de *Whatsapp*⁴ estavam repletos de mensagens, com todo mundo querendo saber o que estava acontecendo, repercutindo matérias de jornais e falando pelos cotovelos. Então, era difícil fazer alguma coisa, toda hora uma distração roubava minha concentração.

Quarta, dia 18 de março de 2020

Começava a ficar claro que não era um feriado. Era preciso estabelecer uma nova rotina e lidar com os efeitos psicológicos do confinamento. Tudo era novidade, e as notícias que vinham da Europa e os primeiros casos de contaminação no Brasil iam se tornando cada vez mais ameaçadores.

Quinta, dia 19 de março de 2020

Depois desses poucos dias, diante de um turbilhão de notícias e sensações, me dei conta de que seria um período marcante em nossas vidas. Achei que seria importante registrar nosso cotidiano em casa. E porque não fazer isso por meio de imagens? Propus

⁴ Aplicativo online de mensagens.

à minha sobrinha, que em geral é minha parceira nessas maluquices, fazermos um diário ilustrado da quarentena.

2.2 Confinamento em imagens

Sexta, dia 20 de março de 2020

Começamos o diário. O combinado foi que eu faria uma proposta de atividade por dia para cada uma realizarem um caderno ou folhas soltas, usando qualquer técnica, de modo a aproveitarmos o material disponível em casa, até porque o comércio estava fechado e não seria possível fazer novas compras. Passei a enviar as propostas diariamente por *Whatsapp* em um grupo criado especificamente para essa finalidade, que inicialmente reunia apenas a minha família. A ideia original era que cada uma fizesse suas atividades reservadamente, para no fim da pandemia vermos como tinham ficado nossas produções. Estava ansiosa para ver as soluções que ela proporia, da mesma forma que sabia que era ela iria curtir ver como eu resolveria os desafios sugeridos.

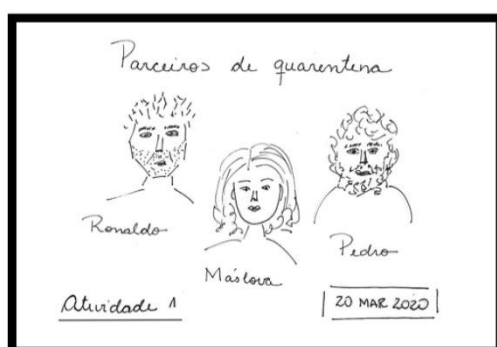
Terça, dia 1º de março de 2022

Como sabemos, o confinamento não durou 15 dias, nem um mês. As restrições foram sendo renovadas a cada quinzena, e começamos a perceber que nada voltaria ao normal tão cedo. Aos poucos, o trabalho remoto, as aulas online, as *lives*, as festinhas virtuais e as compras virtuais foram sendo incorporadas às nossas vidas. Falava com meus amigos com frequência por telefone ou videochamada. Me preocupava particularmente com os que moravam sozinhos, pois as crises de ansiedade e depressão começavam a aparecer. A todos eu dizia: “tentei estabelecer uma rotina: leitura, faxina, atividades físicas, contato com os amigos, TV”; “leiam o texto do Frei Beto, que esteve preso durante a ditadura, no qual ele diz que é importante não passar o dia de pijama, que a gente não pode se largar, é importante se arrumar mesmo sem ir à rua, isso eleva nossa autoestima”; “é bom fazer um roteiro para acompanhar as *lives*, ajuda a dar algum sentido para a vida”; “estou me distraindo aqui em casa fazendo um diário da quarentena, quer participar?”.

Desse modo, alguns conhecidos foram se incorporando ao nosso grupo no *Whatsapp*, que foi mudando seu perfil, assim como sua dinâmica. Passamos a ter mais

adultos, e os participantes começaram a compartilhar imagens de suas produções a partir das propostas de atividades por mim elaboradas que estão disponíveis na sua integralidade no Anexo 1. Essa prática nos alimentava e divertia. Ganhamos também uma multiplicidade de linguagens com colagens físicas e virtuais, fotos e vídeos. Eu continuei com os desenhos e algumas colagens até completar 40 dias. Daí em diante passei a fazer meus registros com fotos e colagens. Nos desenhos, usei canetinhas hidrocor pretas de várias espessuras em papel sulfite ½ ofício. E foi assim que registrei um pouco do que vivi nos primeiros quarenta dias da pandemia⁵.

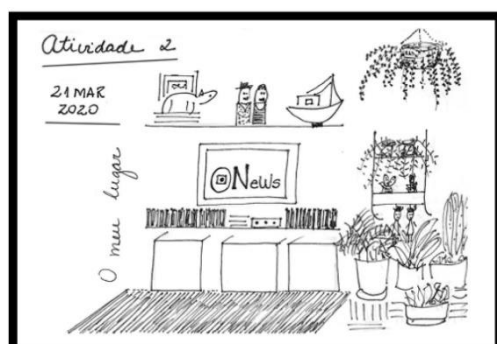
Imagem 1 - Atividade 1: Parceiros de quarentena



Tem gente sozinha, tem gente com a casa cheia, tem gente dividindo o espaço com a bicharada. E você? Com quem está passando essa quarentena? Aí estão meus parceiros: meu marido Ronaldo e meu filho Pedro.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 2 - Atividade 2: O meu lugar

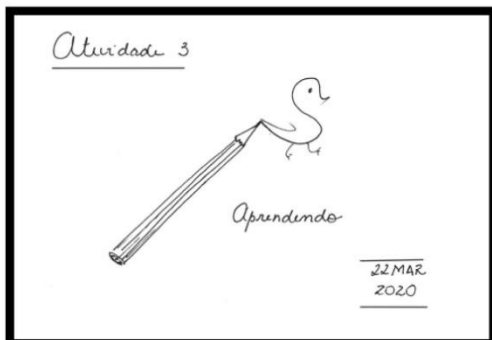


Qual é seu lugar favorito na quarentena? O meu é o sofá, em frente à TV. Fiquei viciada em notícias. Quero entender o que está acontecendo, ver o desenrolar dos fatos, as orientações dos médicos, como estão vivendo as pessoas...

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

⁵ Os desenhos que selecionei para esse trabalho não estão na ordem em que foram realizados, mas é possível ver a data original e o número sequencial em destaque. Os textos foram recriados, ora para mostrar o teor das propostas, ora para reforçar os temas aqui tratados.

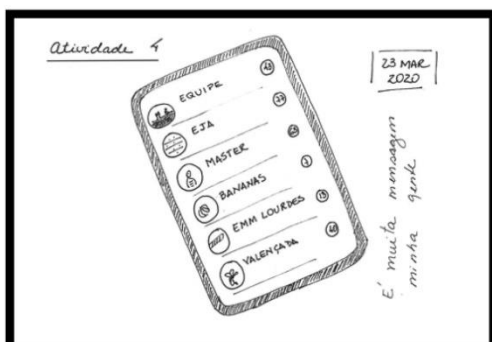
Imagem 3 - Atividade 3: Aprendendo



Muita gente aproveitou o tempo livre na pandemia para desenvolver novas ou velhas habilidades. Alguma novidade por aí? Eu retomei minha prática de desenho para fazer esse diário e outras coisinhas mais.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

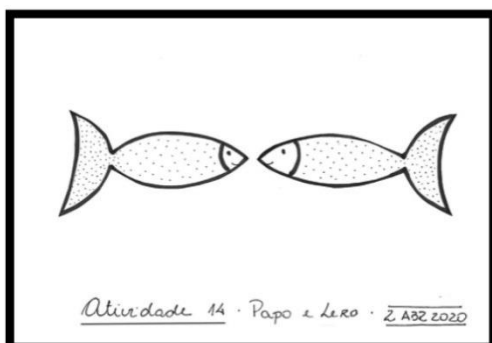
Imagem 4 - Atividade 4: É muita mensagem, minha gente



É só uma gripezinha ou mata? O ministro da saúde cai ou não cai? Vão aproveitar a pandemia para passar a boiada? O excesso de mensagens quase me enlouqueceu. E para você? O que não está sendo bom nessa pandemia?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

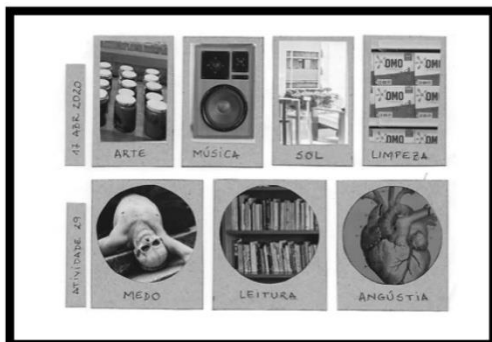
Imagem 5 - Atividade 14: Papo e Lero



Papo e Lero foram os bichinhos de estimação que eu inventei para me distrair. São peixes que falam para chuchu. Está ouvindo? E os seus animais? Como estão passando por essa pandemia? Se não tiver um, faça como eu, invente.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 6 - Atividade 29: Palavras



Quais palavras são importantes para você nessa pandemia? Como você registraria cada uma dela? Olha as minhas aí ao lado: arte, música, sol, limpeza, medo, leitura, angústia.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

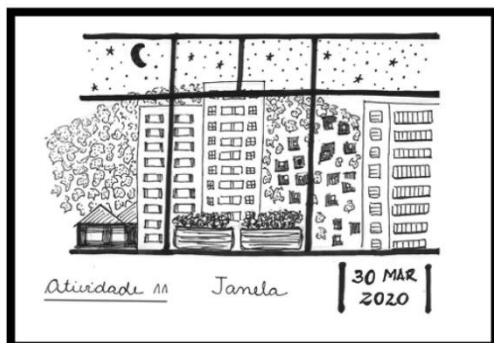
2.3 Tempo vazio

O relógio corria, vinham os amanheceres, os entardeceres e os anoiteceres em *looping*, os dias todos iguais. O filme *Feitiço do tempo* (RAMIS, 1993) foi lembrado por muita gente nos primeiros momentos da pandemia. Só que, neste, um mesmo dia se repete, como se o tempo tivesse estacionado. No caso da pandemia, não. Fomos obrigados a contemplar ao tempo, impávido, seguindo seu fluxo. Os dias foram ficando longos e a casa, apertada. A angústia de não saber exatamente o que viria em seguida, o sequestro de nossa rotina e as notícias sobre as internações e mortes, cada vez mais presentes. Era preciso restabelecer a vida no confinamento. Em certo sentido, a invenção do *Diário da quarentena* foi uma forma de preencher o tempo com leveza, de viver a vida com seus mistérios, dores e descobertas. As imagens do *Diário* foram tomadas pela melancolia de um tempo vazio, um tempo de espera. E a *Oração ao tempo*, de Caetano Veloso, martelava em nossas cabeças.

És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho...
 Tempo tempo tempo tempo, vou te fazer um pedido...
 Tempo tempo tempo tempo...

Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos...
 Tempo tempo tempo tempo, entro num acordo contigo...
 Tempo tempo tempo tempo...

Imagem 7 - Atividade 11: Janela



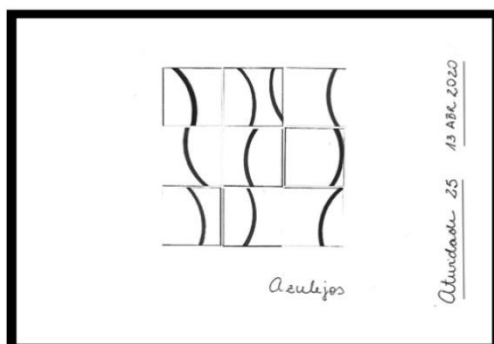
Na janela, nosso ponto de contato com o mundo lá fora, paisagem única. E você? O que vê pela janela?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Por seres tão inventivo e pareceres contínuo,
Tempo tempo tempo tempo, és um dos deuses mais lindos...
Tempo tempo tempo tempo...

Que sejas ainda mais vivo no som do meu estribilho,
Tempo tempo tempo tempo: ouve bem o que eu te digo
Tempo tempo tempo tempo...

Imagem 8 - Atividade 25: Azulejos



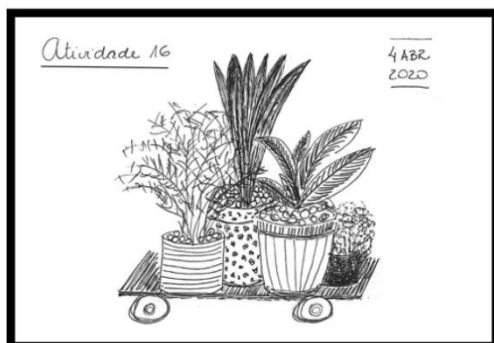
Chão, teto, parede, porta e janela.
Deita, senta, levanta. Tem uma parede de azulejos bacanas na sua casa? Aqui são todos brancos, mas inventei essas curvas para alegrar meu dia. Hoje tá puxado!

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso,
Tempo tempo tempo tempo, quando o tempo for propício...
Tempo tempo tempo tempo...

De modo que o meu espírito ganhe um brilho definido,
Tempo tempo tempo tempo, e eu espalhe benefícios...
Tempo tempo tempo tempo...

Imagem 9 - Atividade 16: Plantas



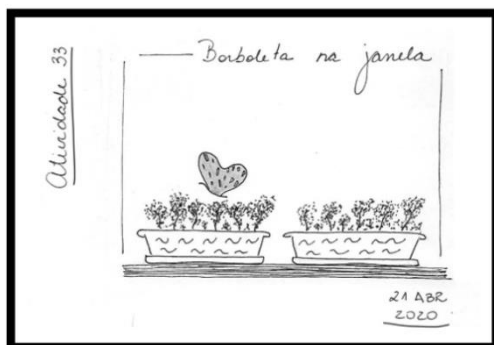
A vida segue seu rumo no meu jardim assentado sobre rodas. Como estão suas plantas aí na sua casa?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

O que usaremos pra isso fica guardado em sigilo,
Tempo tempo tempo tempo, apenas contigo e migo...
Tempo tempo tempo tempo...

E quando eu tiver saído para fora do teu círculo,
Tempo tempo tempo tempo, não serei nem terás sido...
Tempo tempo tempo tempo...

Imagem 10 - Atividade 33: Borboleta na janela



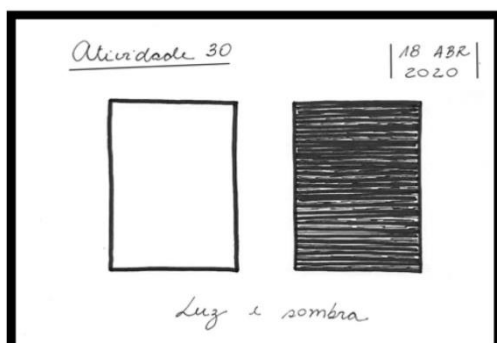
No silêncio da pandemia, os animais voltaram ao nosso convívio nas cidades. Que bichinhos apareceram por aí?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Ainda assim acredito ser possível reunirmo-nos,
Tempo tempo tempo tempo, num outro nível de vínculo...
Tempo tempo tempo tempo...

Portanto peço-te aquilo e te ofereço elogios,
Tempo tempo tempo tempo, nas rimas do meu estilo...
Tempo tempo tempo tempo...

Imagem 11 - Atividade 30: Luz e sombra



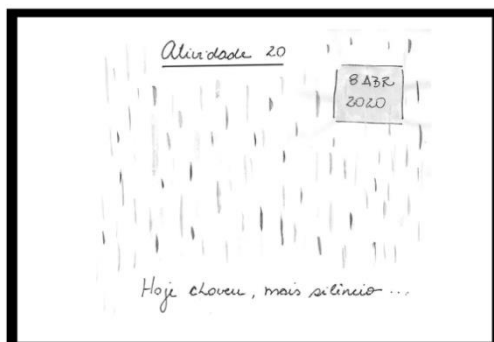
Luz e sombra no mundo, na arte, no espírito. Dê uma olhada ao redor e veja como se comportam as luzes e sombras na sua casa nesse momento. O meu desenho está aí: janela aberta e janela fechada. E o seu? O que vai apresentar?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho...
Tempo tempo tempo tempo, vou te fazer um pedido...
Tempo tempo tempo tempo...

Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos...
Tempo tempo tempo tempo, entro num acordo contigo...
Tempo tempo tempo tempo...

Imagem 12 - Atividade 20: Hoje choveu



Hoje há silêncio tão fundo no ar que chega a doer. Um suspiro, um dengo, uma moleza que só. Como está a chuva aí no seu canto? Dói muito? Ou está fácil de levar?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Por seres tão inventivo e pareceres contínuo,
Tempo tempo tempo tempo, és um dos deuses mais lindos...
Tempo tempo tempo tempo...

Que sejas ainda mais vivo no som do meu estribilho,
Tempo tempo tempo tempo: Ouve bem o que eu te digo
Tempo tempo tempo tempo...
(VELOSO, 1979)

3 DESTINO INCERTO

Enquanto nossos barcos seguiam ao sabor do vento, muita gente acreditou em uma mudança de rota. De repente, era possível vislumbrar uma possibilidade de a humanidade transformar suas formas de vida na Terra. Seria possível pensar em uma desaceleração no ritmo de consumo e exploração dos recursos naturais? Será que finalmente poderíamos ver a tão sonhada redução da carga horária de trabalho com mais tempo livre para a arte, a saúde e os esportes? E porque não pensar em uma distribuição mais equânime da riqueza, já que tanta gente se mobilizou para levar comida e afeto a quem ficou desamparado na pandemia? O ar ficou mais puro, as cidades mais silenciosas, o ritmo mais lento. Seria possível “reunirmo-nos com o tempo em outro nível de vínculo”, como dizia Caetano (1979)?

Mas a verdade é que tivemos muita dificuldade em lidar com tantas incertezas, vivemos uma estranha nostalgia de um passado que nem era tão bom assim. A vida pelas telas do computador, as ruas vazias e a solidão como companheira criaram uma distopia difícil de encarar. O que fazer para superar esse estado de coisas? Nesse segundo capítulo, pretendo falar um pouco dessas dificuldades, mostrar algumas estratégias de superação e compreender suas razões. Para isso, tomei como base os textos do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017 e 2021) que, na busca por entender o homem contemporâneo, tem se debruçado sobre temas que apareceram fortemente no cotidiano da pandemia e nas imagens do *Diário da quarentena*, como veremos a seguir.

3.1 Da tempestade à calmaria

Consumo excessivo, trabalho precarizado, destruição do meio ambiente, concentração de renda. Seguíamos a vida com alguma consciência de que nosso rumo estava meio enviesado, mas o frenesi do cotidiano nos impelia a seguir. A parada para viver o tempo da pandemia deixou tudo no ar. De uma hora para outra, estávamos à deriva, trancados em casa, sem rumo, sem futuro, sem paz. Nada fez tanto sentido para mim quanto o samba *Timoneiro*, eternizado por Paulinho da Viola:

Não sou eu quem me navega
 Quem me navega é o mar
 É ele quem me carrega
 Como nem fosse levar

E quanto mais remo mais rezo
 Pra nunca mais se acabar
 Essa viagem que faz
 O mar em torno do mar
 Meu velho um dia falou
 Com seu jeito de avisar:
 - Olha, o mar não tem cabelos
 Que a gente possa agarrar

Não sou eu quem me navega
 Quem me navega é o mar
 É ele quem me carrega
 Como nem fosse levar

Timoneiro nunca fui
 Que eu não sou de velejar
 O leme da minha vida
 Deus é quem faz governar
 E quando alguém me pergunta
 Como se faz pra nadar
 Explico que eu não navego
 Quem me navega é o mar

Não sou eu quem me navega
 Quem me navega é o mar
 É ele quem me carrega
 Como nem fosse levar

A rede do meu destino
 Parece a de um pescador
 Quando retorna vazia
 Vem carregada de dor
 Vivo num redemoinho
 Deus bem sabe o que ele faz
 A onda que me carrega
 Ela mesma é quem me traz
 (CARVALHO; VIOLA, 1996)

E porque foi tão difícil lidar com as incertezas e com o tempo vazio da pandemia?

Porque homens e mulheres do nosso tempo são sujeitos do desempenho, aqueles que pensam estar no controle de tudo, que são capazes de fazer a roda da vida girar, que não se permitem momentos de paz e de contemplação. Ao menos é o que nos mostra o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han no livro *Sociedade do Cansaço* (2017). Sua leitura nos ajuda a compreender um pouco do estranho mundo que habitamos e, por extensão, muito do que vivemos nessa pandemia. Em diálogo com Nietzsche, Foucault e Arendt, entre outros pensadores, Han procurou compreender a forma como o homem

contemporâneo lida com algumas questões vitais nesse início de século, entre elas o trabalho, o tempo e a dor. Sigamos essa pista.

Para Byung-Chul Han, o cerne dos males enfrentados pelo homem contemporâneo estaria no excesso de positividade. A sociedade atual não seria mais a sociedade disciplinar descrita por Foucault, onde a negatividade imperaria, mas uma sociedade do desempenho na qual só haveria positividade.

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais sujeitos da obediência, mas sujeitos de desempenho e produção (HAN, 2017, p.23).

Se na sociedade disciplinar as instituições conformavam o sujeito a uma vida regrada e cheia de limitações, o que se vê hoje é um mundo “menos engessado”, no qual o indivíduo se vê diante de muitas oportunidades a serem desfrutadas. “Você tem que fazer acontecer” ou, em inglês, “*Do it yourself*” (faça você mesmo). O sujeito da obediência, característico da sociedade do controle, foi substituído pelo sujeito da produtividade, o empreendedor, o empresário de si mesmo, que se vê impelido a uma produtividade sem limites.

O conceito de sociedade do controle também não dá conta dessa sociedade que propaga uma miríade de possibilidades para aqueles que têm garra, foco, motivação e iniciativa. Um verdadeiro reino de oportunidades baseado no poder ilimitado do indivíduo. Byung-Chul Han cita a frase “*Yes, we can*” (sim, nós podemos), proferida por Barack Obama, o primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América, como emblemática dessa sociedade. Sim, podemos “ativar o empreendedorismo”⁶, ter milhões de seguidores nas redes, comandar um projeto inovador sem nos submeter a qualquer amarra.

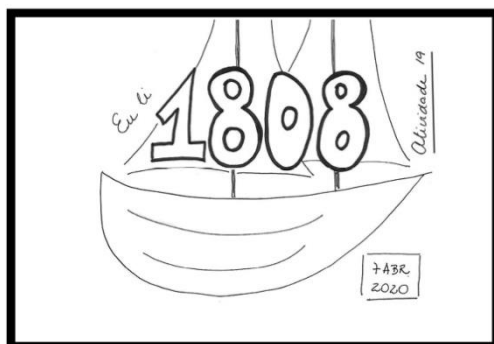
A negatividade da sociedade do controle, baseada na proibição, no veto, na repressão, vem sendo substituída pela positividade do poder da ação. E essa positividade se manifesta também no excesso de estímulos, informações e impulsos, causando impactos profundos na nossa capacidade de concentração e nas relações que estabelecemos com os outros e com o mundo. Somos levados a fazer várias atividades

⁶*Slogan* promovido pela Rede Globo de Televisão ao longo de sua programação, para incentivar o empreendedorismo no país.

ao mesmo tempo, gerando uma atenção breve e superficial, com pouca tolerância ao tédio.

E foram esses sujeitos, habituados à hiperatividade, à uma rotina multitarefa, à um fazer desenfreado, que viram-se confinados, vendo os dias se sucederem sem saber o que seria do amanhã. Foi como se um abismo tivesse se aberto sob seus pés. Ou, talvez, o abismo já estivesse lá, só que não havia tempo disponível para olhar para ele. E dentro de casa tentamos reproduzir o ritmo desenfreado, preenchendo todos os tempos. Vivemos uma espécie de recusa ao imperativo de parar. Era como se tentássemos reproduzir aquela produtividade necessária ao sujeito do desempenho no confinamento. E haja criatividade para não parar.

Imagem 13 - Atividade 19: Eu li



Ler. A história do Brasil foi meu tema favorito durante a pandemia. Li todos os livros do Laurentino Gomes e alguns da Lilia Schwarcz. Mas muita gente ficou sem concentração para ler. Será que foi seu caso?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

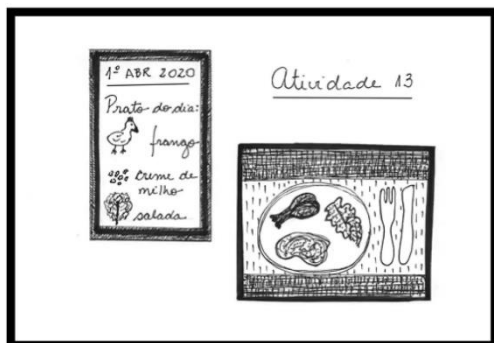
Imagem 14 - Atividade 34: Varre, varre vassourinha



Limpar, limpar e limpar. No início, acreditávamos que o vírus podia ficar nas superfícies, nas roupas e calçados. Cheguei a passar pano com água sanitária na casa duas vezes por dia. E você? Ficou com mania de limpeza também?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

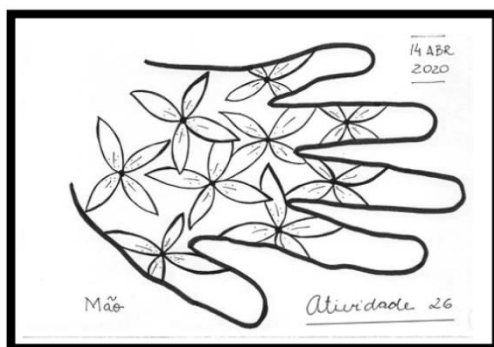
Imagem 15 - Atividade 13: Cozinhar



Cozinhar. Durante a pandemia todo mundo passou a comer em casa. E passamos a ter tempo fazer nossa própria comida. Apareceram milhares de receitas novas. O que você comeu hoje no almoço?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

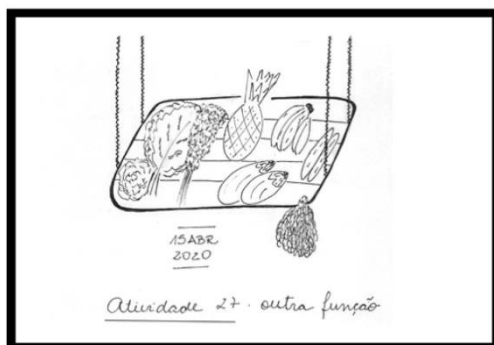
Imagem 16 - Atividade 26: Mão



Costurar, bordar, pintar. Os trabalhos manuais foram grandes aliados nessa pandemia. Fiz várias dessas atividades, mas a mais bizarra foi rejuntar todo o piso da minha casa. Viva as nossas mãos!!!!

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 17 - Atividade 27: Outra função



Lavar compras. Inventando novas funções para os velhos objetos da casa. No início, acreditávamos que o vírus permanecia ativo nas superfícies, daí a rotina de lavar as compras que vinham do mercado. E tivemos que adaptar nossas cozinhas e áreas para isso. Como foi aí?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 18 - Atividade 5: Eu e as redes



Participar de atividades online. De uma hora para a outra a vida saltou para a tela do celular: reuniões de trabalho, festas de aniversário, aulas, encontros sociais. Como a internet e as redes sociais te ajudaram (ou atrapalharam) na pandemia?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

3.2 Percalços do caminho

Apesar de todo o esforço para nos mantermos ativos e positivos, fomos tomados por uma avalanche de emoções com as quais não estávamos habituados nem preparados para lidar.

agonia	estresse	medo
ameaça	desolação	insegurança
angústia	destruição	instabilidade
ansiedade	devastação	intranquilidade
apreensão	assombro	fragilidade
desconforto	incerteza	pânico
inconstância	indefinição	perplexidade
desequilíbrio	inquietação	precariedade
desassossego	desmantelamento	risco
desestabilização	vulnerabilidade	suspensão

Aqui também a leitura de Han me ajudou a compreender as agruras da pandemia. Afinal, segundo ele, os sujeitos do desempenho, típicos da sociedade do cansaço, não estão habituados à dor. Em seu livro *Sociedade paliativa* (2021b), ele trata especificamente desse tema, lembrando que vivemos uma espécie de algofobia, uma angústia generalizada diante da dor. O sofrimento, visto como sinal de fraqueza, deve ser ocultado ou, preferencialmente, eliminado. Partilhamos uma espécie de ideologia do bem-estar permanente. Segundo suas palavras:

Vivemos em uma sociedade da positividade, que busca se desonerar de toda forma de negatividade. A dor é a negatividade pura e simplesmente. Também a psicologia segue essa mudança de paradigma e passa, da psicologia negativa como ‘psicologia do sofrimento’, para a ‘psicologia positiva’, que se ocupa com o bem-estar, a felicidade e o otimismo. Pensamentos negativos devem ser evitados. Eles devem ser substituídos imediatamente por pensamentos positivos. A psicologia positiva submete a própria dor a uma lógica do desempenho. A ideologia neoliberal da resiliência transforma experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho. Fala-se até mesmo de crescimento pós-traumático. O treino da resiliência como treino de resistência espiritual tem de formar, a partir do ser humano um sujeito de desempenho permanentemente feliz, o mais insensível a dor possível. (HAN, 2021b, p. 11 e 12)

Com isso, o autor sublinha o fato de que, para além das palavras motivadoras de estímulo à liberdade, a sociedade do cansaço produz um exército de depressivos e fracassados; estados psíquicos característicos de um mundo pobre em negatividade e rico em doenças neuronais. Depressão, transtorno do déficit de atenção e síndrome de *Burnout* seriam apenas as mais conhecidas entre elas. E essas doenças estariam relacionadas a uma exaustão causada por nosso estilo de vida, mas principalmente pelo excesso de positividade.

Para Byung-Chul Han, o sujeito do desempenho, aquele que é livre para empreender e que tem o poder de realizar, acaba por travar uma verdadeira guerra consigo mesmo, isso porque, segundo o filósofo sul-coreano, “a queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, os sujeitos de desempenho se entregam à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho” (HAN, 2017, p.29). É mais ou menos como se, livres, eles se tornassem seus próprios algozes, obrigando-se à produtividade máxima que os leva ao esgotamento, provocando o surto de doenças neuronais do nosso tempo. Para ele, os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. E a sociedade do cansaço,

enquanto uma sociedade ativa, desdobra-se lentamente numa sociedade do *doping*, que busca eliminar, abafar e esconder sentimentos como angústia, medo e luto, que radicalizam a negatividade e não são bem-vindos.

É como se a humanidade tivesse se tornado uma máquina de desempenho, desprovida de emoções, o que a estaria levando a uma espécie de infarto da alma. A canção *Socorro*, de Arnaldo Antunes, me parece emblemática desse estado emocional.

Socorro, não estou sentindo nada
Nem medo, nem calor, nem fogo
Não vai dar mais pra chorar
Nem pra rir

Socorro, alguma alma, mesmo que penada
Me empreste suas penas
Já não sinto amor, nem dor
Já não sinto nada

Socorro, alguém me dê um coração
Que esse já não bate nem apanha
Por favor, uma emoção pequena
Qualquer coisa

Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos, deve ter algum que sirva
Qualquer coisa que se sinta,
Tem tantos sentimentos, deve ter algum que sirva

Socorro, alguma rua que me dê sentido
Em qualquer cruzamento
Acostamento, encruzilhada
Socorro, eu já não sinto nada

Socorro, não estou sentindo nada (nada, nada)
Nem medo, nem calor, nem fogo
Nem vontade de chorar, nem pra rir

Socorro, alguma alma mesmo que penada
Me empreste suas penas
Já não sinto amor, nem dor
Já não sinto nada

Socorro, alguém me dê um coração
Que esse já não bate nem apanha
Por favor, uma emoção pequena
Qualquer coisa!

Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos, deve ter algum que sirva
Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos, deve ter algum que sirva
(ANTUNES, 1998)

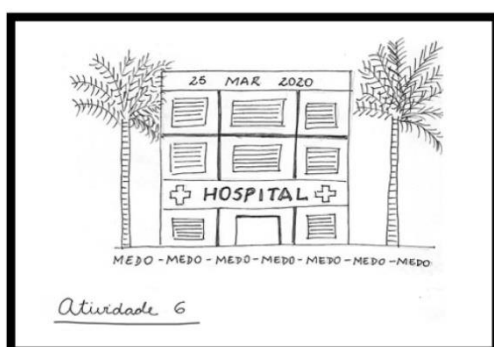
Na tentativa de sufocar as emoções, consideradas um estorvo ao desempenho e à felicidade, vivemos o paraíso da medicalização, como se o problema fosse apenas uma

disfunção, uma inadequação pessoal. Mas Han nos lembra que esse tipo de abordagem nos faz esquecer que a dor tem também uma dimensão social, que se reflete no corpo e na alma. Segundo ele, analgésicos, antidepressivos e tranqüilizantes prescritos em massa ocultam as causas sociais que nos levam a esses estados de espírito.

A medicalização e a farmacologização exclusiva da dor impedem que ela se torne *fala*, sim, *crítica*. Elas tiram da dor o caráter objetivo, o caráter social. Com a insensibilização induzida medicinal ou medialmente, a sociedade paliativa se imuniza contra a crítica. Também mídias sociais e jogos de computador atuam como anestésicos. A anestesia permanente social impede o conhecimento e a reflexão, reprime a *verdade* (HAN, 2021b, p. 29).

Na pandemia, fomos obrigados a viver uma overdose de negatividade. E não foram poucos os relatos de crises de ansiedade, depressão e tentativas e casos de suicídio. Além da dificuldade de lidar com a dor, característica de nosso tempo, tivemos que enfrentar o medo e o luto sozinhos, sem o calor do contato com a família e amigos próximos. Uma avalanche de emoções cobriu nossos corpos confinados, e de alguma maneira estiveram presentes nas imagens do meu diário da quarentena.

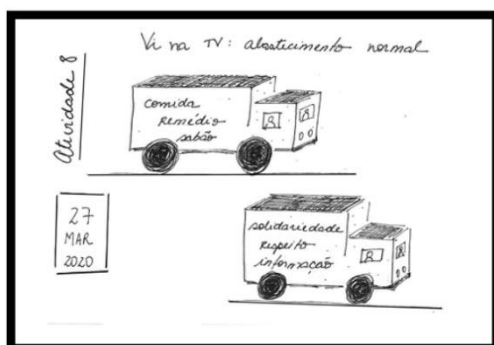
Imagem 19 - Atividade 6: Medo



Medo. Quem não teve medo nessa pandemia é ruim da cabeça e doente do pé. Medo de adoecer, medo de morrer, medo de perder pessoas queridas, medo da fome, medo do desemprego. Você tem medo de quê?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 20 - Atividade 8: Vi na TV



Aprensão. As ruas desertas, a paralisação das atividades econômicas. Mas, afinal, o que vai funcionar e o que vai parar durante a pandemia? Viciada em TV. Foi assim que eu fiquei. O que você está vendo na TV nessa pandemia?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

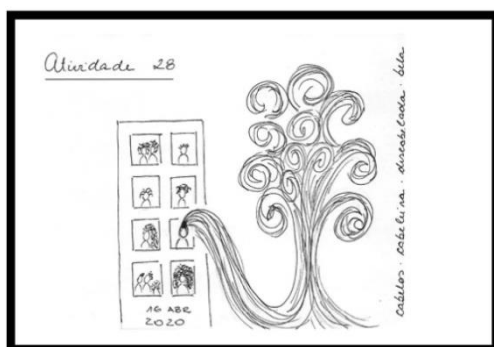
Imagem 21 - Atividade 12: Saudades



Saudades de quem? Foi muito tempo sem estar com a família e com os amigos. De quem você teve mais saudade? Olha, para mim foi difícil ficar longe dessas queridas. Estávamos acostumadas a nos ver toda semana.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 22 - Atividade 28: Cabelos



Prostração. Primeiro os salões estavam fechados, depois eles abriram, mas cadê coragem para encarar? Ficou todo mundo de cabelo grisalho e comprido. Como você representaria seu cabelo nessa pandemia?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

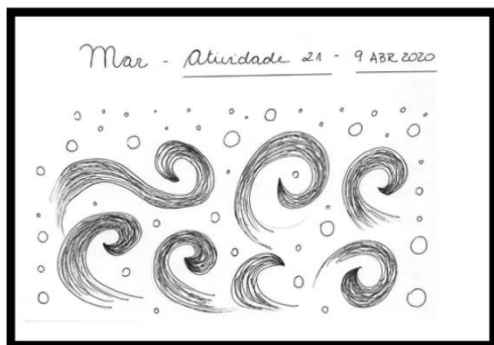
Imagem 23 - Atividade 31: Visual na quarentena



Desânimo. Pijama de manhã, de tarde e de noite. Na hora da festinha online é só colocar o brinco, passar um batom e pronto. Cheguei a fazer promessa de queimar todo meu guarda-roupa. Seu visual também ficou desse jeito?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 24 - Atividade 21: Mar



Saudades de quê? Nossa! Saudade de samba, de cinema, de bater perna na rua, de uma mesa de bar, de caminhar nos parques e praias do Rio, mas, sem dúvida, a maior saudade é de um mergulho na água salgada do mar. E tu?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

3.3 Respirar, contemplar, criar

Segundo Han, vivemos num mundo pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermediários. A sociedade da hiperatividade, da exaustão e do *doping* não deixa espaço para o tédio profundo tão fundamental ao processo criativo.

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. É visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo. Walter Benjamin chama esse tédio profundo de um ‘pássaro onírico, que choca o ovo da experiência’. Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual (HAN, 2017, p. 33).

O estado contemplativo, no qual saímos de nós mesmos e mergulhamos nas coisas, seria o motor da criação e do descanso espiritual. Na defesa da vida contemplativa, que estaria em oposição à vida ativa, Byung-Chul Han dialoga com o texto *Crepúsculo dos ídolos* na qual o filósofo alemão aponta para uma pedagogia específica do ver. Aprender a ver significa “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si” (NIETZSCHE apud HAN, 2017, p. 34), isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento.

O estado de atenção permanente em que vivemos não representa um progresso civilizatório: pelo contrário, nos faz regredir ao nível dos animais selvagens, que necessitam desse tipo de atenção para sobreviver na selva. Sem momentos de

contemplação, estaríamos mais próximos do sobreviver do que do bem viver. E, paradoxalmente, o autor propõe um fechar de olhos para garantir momentos de contemplação. Um fechar e reabrir de olhos. Fechar como uma metáfora para um profundo mergulho no silêncio ontológico, um mergulho nas profundezas do ser, e um reabrir de olhos como um reinventar-se em relação a si e ao outro. Mergulhar no silêncio para estabelecer uma nova dialética entre subjetividades.

Em seu livro *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo* (2021a), Han nos fala da importância dos tempos que não se deixam acelerar: o tempo do silêncio, o tempo bom, o tempo da festa, o tempo do outro. Em síntese, ele destaca que o inquietante na experiência de tempo atual não é a aceleração desenfreada, mas a falta de conclusão, a falta de ritmo e de compasso das coisas. A imbricação entre a vida real e a vida virtual estaria a trazer uma avalanche de narrativas e imagens em *looping*, sem início meio e fim, sem conclusão. A fusão dos tempos de trabalho e de lazer sem momentos de pausa estaria nos levando à exaustão pela mesma razão. A imagem que Han nos traz é de que a aceleração é como uma ruptura de barragens, em que não existiriam mais barragens que regulem, articulem ou dêem ritmo ao fluxo do tempo.

Byung-Chul Han, citando Barthes em *A câmara clara*, nos dirá:

‘(...) a subjetividade absoluta só é alcançada em um estado de silêncio, no esforço pelo silêncio (fechar os olhos significa trazer a imagem à fala do silêncio)’. A subjetividade absoluta é a subjetividade na forma da conclusão. Sem silêncio, ela se dispersa e não pode retornar a si. Sem retorno ela não pode se fechar (...). Assim, ela se torna depressiva (HAN, 2021a, p.14).

Gosto de pensar no *Diário da quarentena* como um espaço de respiro durante a primeira onda da pandemia. Um momento de fechar os olhos, justamente um espaço de contraponto aos males da sociedade do cansaço, agravados pela pandemia, e uma forma de aproveitar o tempo de pausa para construir outras possibilidades. Um mergulho na arte e nas delicadezas do cotidiano, embalado pelo som de Lulu Santos.

Existirá, em todo porto tremulará
A velha bandeira da vida
Acenderá, todo farol iluminará
Uma ponta de esperança

E se virá, será quando menos se esperar
Da onde ninguém imagina
Demolirá toda certeza vã
Não sobrá pedra sobre pedra

Enquanto isso, não nos custa insistir
Na questão do desejo, não deixar se extinguir
Desafiando de vez a noção
Na qual se crê que o inferno é aqui

Existirá
E toda raça então experimentará
Para todo mal, a cura

Existirá, em todo porto se hasteará
A velha bandeira da vida
Acenderá, todo farol iluminará
Uma ponta de esperança

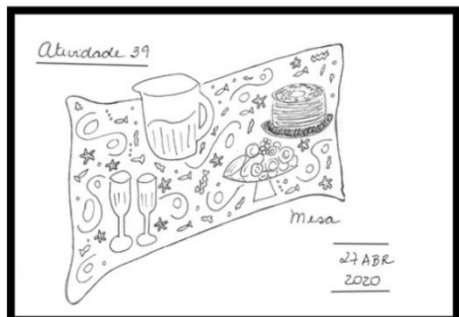
E se virá, será quando menos se esperar
Da onde ninguém imagina
Demolirá, toda certeza vã
Não sobrar, pedra sobre pedra

Enquanto isso, não nos custa insistir
Na questão do desejo, não deixar se extinguir
Desafiando de vez a noção
Na qual se crê que o inferno é aqui

Existirá
E toda raça então experimentará
Para todo mal, a cura
(SANTOS, 1988)

A pandemia, de alguma maneira, nos trouxe essa qualidade de tempo que estou chamando de tempo vazio, um tempo que pôde ser preenchido com novas possibilidades de estar no mundo.

Imagem 25 - Atividade 39: Mesa



Dia dedicado às mesas de Matisse.
Como você representaria a sua?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 26 - Atividade 23: Estante branca



Em destaque, meus grandes aliados: os livros. Essa é minha estante branca, fica no corredor do meu apartamento. Desenho inspirado na obra *Desvio para o vermelho*, de Cildo Meireles. Mostre seus livros nessa quarentena.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

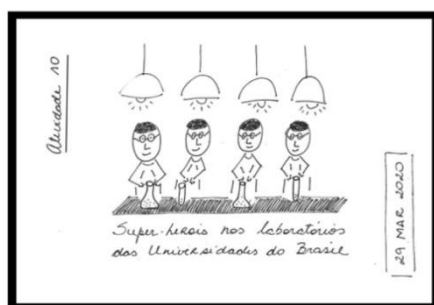
Imagem 27 - Atividade 15: Minha cozinha



Muita gente acha que a cozinha é o melhor lugar da casa. Tenho minhas dúvidas, mas de qualquer forma deixei a minha registrada aqui. Você é da turma que passa horas e horas na cozinha? Mostre como ela está agora mesmo.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

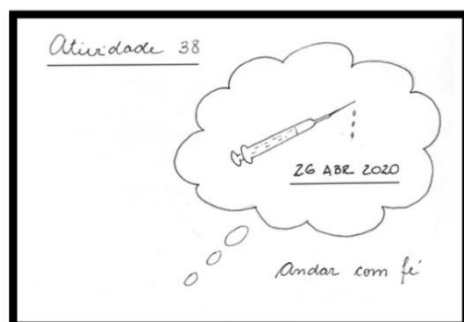
Imagem 28 - Atividade 10: Heróis



Foram muitos os heróis da pandemia: Quem vamos homenagear hoje?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

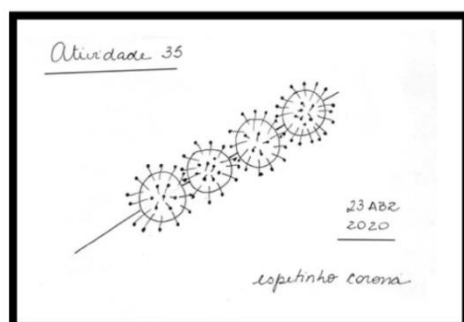
Imagem 29 - Atividade 38: Andar com fé



Qual seu maior sonho?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 30 - Atividade 35: Espetinho



Invente uma forma de se livrar do corona vírus.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

4 MEMÓRIAS DE VIAGEM

Imagem 31 - Atividade 53: Calendário



Atividade 53

11/05/2020

Calendário na quarentena

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

De repente 40 dias tinham se passado. Havíamos cumprido uma quarentena inteira e nada de o vírus ir embora, nada de terra a vista. Muita coisa tinha mudado desde o início da pandemia, mas o confinamento permanecia, ao menos para a parte da população que podia trabalhar de modo virtual. As desigualdades que marcam a sociedade brasileira desde sempre passaram a gritar, tornando-se mais um elemento de agravamento do desalento na pandemia. Era uma agonia sem fim, mas já tínhamos uma rotina e a clara ideia de que seria um período longo de trabalho remoto, abre e fecha de atividades comerciais, restrições aos encontros sociais e às atividades culturais e esportivas.

O diário, que tinha começado como uma brincadeira sem maiores pretensões, foi adquirindo com a prática um caráter mais pensado. Já conseguia perceber que lidávamos com alguns tipos de propostas que se repetiam: as que retratavam o cotidiano, as que se baseavam em obras de artistas consagrados, as que tratavam dos nossos sentimentos diante da pandemia, e as que estabeleciam uma relação com o que estava acontecendo no Brasil e no mundo. Fui criando uma sistemática e vendo as possibilidades que se abriam com o que os participantes apresentavam.

A essa altura, abandonei os desenhos e comecei a tirar fotos e a fazer colagens, até porque naquele segundo momento quis me dedicar mais à elaboração das propostas e a pensar em como elas poderiam ser utilizadas em sala de aula. Em forma de jogo? De um diário? De um caderno de atividades? Era a professora falando mais alto. Por outro

lado, me perguntava acerca do produto que tínhamos em mãos. Essas são algumas das questões que norteiam esse último capítulo.

4.1 Livro, caderno, diário

Se no início do processo de construção do diário eu estava concentrada em propor e realizar as atividades, depois de finalizar 40 desenhos algumas questões surgiram. Como organizar esse material? Afinal, o que estávamos fazendo? Como categorizar essa produção? Que narrativas nasceram do *Diário da quarentena*? Ele é mesmo um diário? Posso chamá-lo de livro de artista? Ou seria mais adequado nomeá-lo caderno?

Em busca de respostas para essas questões, cheguei ao trabalho de Paulo Silveira intitulado *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* (2008), fruto de sua tese de doutorado. Silveira buscou uma aproximação formal e conceitual do livro de artista. Para tanto, analisou a obra de inúmeros artistas e de estudiosos do tema. Aqui, me interessa particularmente o campo conceitual de sua pesquisa, já que não pretendo abordar as características estéticas do ‘produto’ livro de artista, mas tão somente pensar acerca do seu processo de construção e do destaque que essa categoria artística vem ganhando em nossos tempos.

O primeiro aspecto relevante apontado por Silveira é o fato de o livro de artista se apropriar de um suporte consagrado da nossa tradição cultural, historicamente reconhecido por ser um espaço de domínio do texto escrito, seja da literatura, seja da divulgação intelectual. Para ele, trata-se da “transposição desse objeto originalmente de leitura para a arte contemporânea” (SILVEIRA, 2008). Essa apropriação envolveria a um só tempo algum grau de reverência, mas também de violação desse objeto por parte dos criadores.

Por um lado, temos o ser pensador que venera a forma familiar desses entes quase sacros, os livros (tá, bíblia). O livro traz consigo o gosto pela perpetuação da forma clássica, de ser o mais nobre depositário do conhecimento, valores expressados através do zelo e do respeito pela superfície e pelo ato de folhear e seus tempos. Em outras palavras: a arte limpa e plana, de texturas e sombras coniventes com a compleição do suporte, suave e clássico, pedindo a malícia do nosso olhar, da nossa memória e da nossa imaginação. Por outro lado, nos surpreendemos como criador que se expressa pela ideia da transgressão, confrontando o escultórico com o plano, rompendo a página, dilacerando a estrutura, ferindo, formando, deformando e transformando. A possibilidade integral do tato (o toque pleno e sensual) e a profanação das regras quase sagradas de apresentação e uso do

objeto livro. A arte e seu artesanato a gritar em nossas mãos a sua presença. Nessas duas posturas se concretiza o universo de tensão entre a preservação e a sevícia na estrutura do livro de artista. Seria a insinuação dessa dualidade a causadora da estranheza que às vezes sentimos? (SILVEIRA, 2008, p.24)

Por conta desse entendimento, Silveira trabalhará com as noções de ternura e injúria. A primeira, representando o gesto de preservação das conformações tradicionais e dos valores socialmente construídos do livro, a defesa de sua permanência perante as novas mídias e a preservação da leitura sequencial da palavra escrita. E a segunda, a tentativa de sua negação, subversão e afronta, representada pelo dano físico, que pretende violar a permanência temporal do livro, e pelo dano moral, que pretende violar seu legado de lei e verdade. Seria o esforço de ataque ao fetiche.

Essa caracterização me parece importante para distinguir propostas que se aproximam do campo escultórico das que mantêm as características do ‘uso tradicional’ do livro, como o manuseio das páginas, o seqüenciamento de ideias e a preservação de uma história e de uma memória comuns no campo das artes visuais. Ambas são pertinentes à conceituação de livro de artista, e nos ajudam a compreender que, aqui, estamos trabalhando mais próximos da noção de ternura, conforme definida por Silveira.

O conceito de livro de artista abrange um espectro amplo de práticas e entendimentos, o que por um lado torna difícil sua definição, mas por outro abre um leque de possibilidades encantador no campo das artes visuais. Para melhor compreender as origens dessas práticas, Silveira recorreu a uma revisão de bibliografia que inclui, entre outros, três clássicos sobre o tema: *A century of artists books* (Um século de livros de artistas), de 1994, de Riva Castleman, publicação vinculada à exposição de mesmo nome, realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), da qual a autora foi curadora; *The century of artists' books* (O século dos livros de artistas), de 1995, de Johanna Drucker, artista, professora e pesquisadora norte-americana, e *Esthétique du livre d'artiste: 1960/1980* (Estética do livro de artista: 1960-1980), da professora e pesquisadora francesa Anne Moeglin-Delcroix.

As três autoras (*apud* SILVEIRA, 2008) nos trazem pontos importantes para o entendimento acerca do que é um livro de artista. São unânimes em afirmar que o livro de artista é um subproduto da arte conceitual do século XX. Seus precursores seriam o norte-americano Edward Ruscha, o suíço/alemão Dieter Roth, o belga Marcel Broodthaers, os britânicos Gilbert e George e o escocês Hamish Fulton. Mas ressaltam a

dificuldade em precisar a origem do livro de artista em sua acepção contemporânea, não apenas por sua forma ser bastante variável, mas também em função do fato de a terminologia adotada em diferentes países ganhar significados diversos quando traduzidas para outras línguas, caso dos termos *livre d'artiste* (livro ilustrado) ou *bookwork* (arte da encadernação).

Para Drucker (*apud* SILVEIRA, 2008), o livro de artista é uma expressão própria e característica do século XX, mesmo que possa ter seus antecedentes ligados às experiências anteriores com os *livres d'artistes* franceses. Já Castleman (*apud* SILVEIRA, 2008) vê uma solução de continuidade entre livro de artista contemporâneo, os livros produzidos pelos grandes movimentos artísticos da primeira metade do século XX, as edições de luxo e o tradicional livro ilustrado do final do século XIX. E propõe uma categorização baseada na relação entre artistas e autores. Para ela haveria: a) um conjunto de livros composto pela fusão da obra de artistas com textos preexistentes (artistas com autores); b) outro grupo formado por obras cujo artista é o autor (artistas como autores); c) um terceiro, das obras por encomenda, nas quais o artista ilustra um texto preexistente (artistas para autores); e, por fim, d) o grupo dos livros inteiramente dominado por imagens em que os textos se resumem a títulos e/ou legendas (artistas sem autores). Nos parece evidente que a abordagem de Castleman está mais próxima do universo da bibliologia do que da arte.

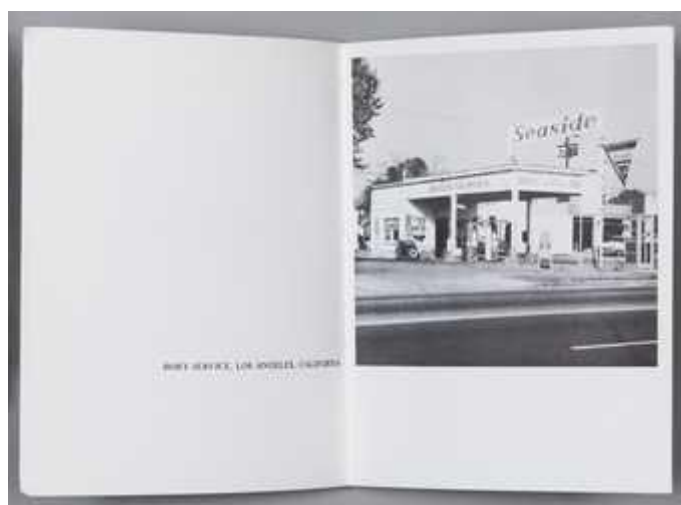
No campo artístico, Anne Moeglin-Delcroix, ao tratar do surgimento do livro de artista em seu sentido estrito, aponta dois ramos distintos: um europeu, representado por Dieter Roth com seu *Daily Mirror* (Imagem 32), e outro norte-americano, cujo maior expoente seria Edward Ruscha a partir do trabalho *Twentysix gasoline stations* (Imagem 33). Para ela, esses dois artistas seriam os responsáveis pelas direções principais que o livro de artista tomou: “a primeira, de espírito neodadaísta, de exploração multiforme; a segunda, de espírito conceitual, de rigor sistemático. No limite, esses caminhos levaram o livro a atuar como suporte ou como objeto, a ponto de beirar o escultórico, o não-livro” (*apud* SILVEIRA, 2008, p. 40).

Imagem 32 - *Daily mirror book*, de Dieter Roth, 1961.



Fonte: <https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2013/dieter_roth/works/daily-mirror-book/index.html>. Acesso em 27 mar 22.

Imagem 33- *Twentysix gasoline stations*, de Edward Ruscha, 1963



Fonte: Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/about-us/projects/transforming-artist-books/summaries/edward-ruscha-twentysix-gasoline-stations-1963>>. Acesso em 27 mar 22.

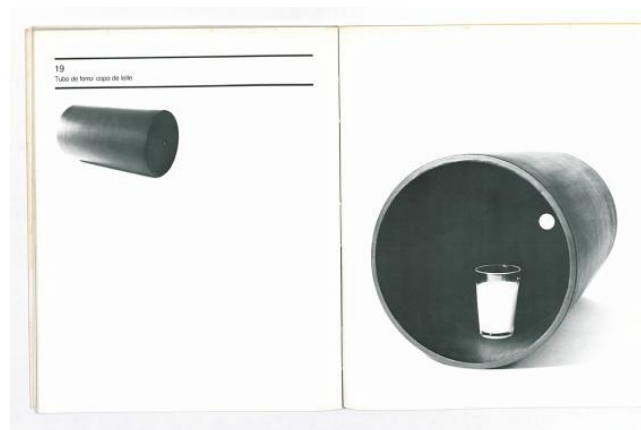
Outra importante estudiosa do tema no Brasil é Annateresa Fabris. Em seu texto *O Livro de Artista: da ilustração ao objeto*, Fabris (2009) recupera algumas experiências relevantes com livros de artista no cenário da arte brasileira. Nesse trabalho, a autora traça um breve histórico dos progressos editoriais que impactaram o surgimento dessa categoria artística; destaca a importância da experiência do livro-poema oriunda do neoconcretismo no contexto brasileiro; e nos mostra como os livros

conceituais surgiram nos anos 1970 como uma reação às edições de luxo que transformaram o livro em objeto único e raro, destinado meramente à contemplação. Apoiados no conceito de arte ‘não objetual’ e enfatizando o processo de comunicação, esses artistas transformaram o livro em suporte de um ‘conteúdo’ verbo-visual. Desse modo, o livro de artista descola-se do campo da literatura e transforma-se numa estrutura intelectual autônoma, o conceito a substituir o objeto de contemplação. Assim, multiplicaram-se as experiências com livros de artista no Brasil. Seriam representantes desse movimento

A expressão política (Santiago/Bruscky, Plaza, Ishikawa, Artur Matuck), a reflexão sobre a arte (Anna Bella Geiger, Maria Luiza Saddi, Rute Gusmão, Regina Silveira, Essila Paraíso, Carmela Gross, Antonio Dias, Regina Vater), o registro de performances (Gretta, Granato), a visão feminista (Anésia Pacheco Chaves, Mary Dritschel), as pesquisas semântico-semiológicas (Mira Schendel, Plaza, Regina Silveira, Gerty Saruê, Lizárraga), as experiências com xerox (Aloísio Magalhães, Krasniansky, Hudinílson Jr., Brancatelli, Mario Ramiro, Rafael França, Christello), as seqüências narrativas (Diana Domingues, Vallauri, Léon Ferrari, Fervenza, Otacílio Camilo), as perspectivas de poesia visual (Edgar Braga, Villari Hermann, Walter Silveira, Bonvicino, Lenora de Barros) são algumas das correntes que se disseminarão no país (FABRIS, 2009, p.43).

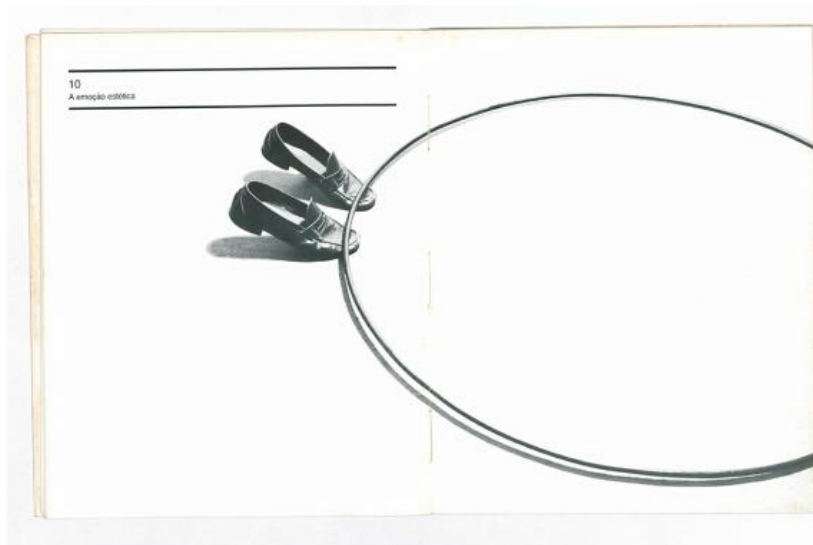
A autora destaca ainda a importância do *Manual de ciência popular*, de Waltércio Caldas Jr., em 1982, (Imagens 34 e 35) publicado pela Funarte, que, segundo ela, apresenta uma estrutura onde informação e ilustração coexistem, criando um tipo de linguagem que abriga a visualidade característica de nosso tempo. Ainda segundo Fabris (2009), a pluralidade de formas assumidas pelo livro de artista demonstra que ele representa “uma expressão visual autônoma que pode injetar no livro tradicional uma relação mais estimulante entre texto e imagem”. (FABRIS, 2009, p. 43)

Imagem 34 - *Manual da ciência popular*, Waltércio Caldas, 1982 A



Fonte: Disponível em <<https://colegaolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/14/waltercio-caldas/>>. Acesso em 27 mar 2022.

Imagem 35 - *Manual da ciência popular*, Waltércio Caldas, 1982 B



Fonte: Disponível em <<https://colecaolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/14/waltercio-caldas/>>. Acesso em 27 mar 2022.

A partir dessas leituras, observei que o livro de artista carrega muitas definições e indefinições. Diante delas, alguns pesquisadores optam por adotar o termo caderno de artista em e para seus trabalhos. Suzuki (2014) é uma delas. Por entender que o livro de artista encontra-se em uma zona híbrida entre a literatura e as artes visuais no contexto da arte contemporânea, a autora adota o termo caderno de artista, que segundo o seu entendimento é mais adequado para caracterizar seu trabalho, já que “contribui para revelar processos de formação e reflexão estética, na arte e na educação” (SUZUKI, 2014, p. 23). Para ela, o caderno de artista é

um suporte que materializa o processo criador, o conhecimento acumulado do sujeito no caminho da construção de uma obra ou o guardador de suas experimentações, suas reflexões, e até mesmo o despertar de sua poética. (...) caderno é o lugar do próprio indivíduo, íntimo, onde ele tem espaço para ser, para exercer a sua autoria, enfim, um espaço determinado pela escola, mas ao mesmo tempo uma possibilidade de exercício da autonomia (SUZUKI, 2014, p. 23).

De minha parte, desde o início do processo denominei a prática artística por mim realizada junto com minhas companheiras de jornada de *Diário da quarentena*. Primeiro porque nos propusemos a realizar atividades diárias, uma espécie de registro do dia a dia da quarentena. Pesou também nessa escolha o fato de ser um tipo de registro íntimo, do âmbito de nossas vidas privadas. Diários de tempos sombrios não

são novidade. O mais famoso deles é o de Anne Frank⁷. No campo das artes, destacam-se os diários de Frida Kahlo e de Paul Klee, registros importantes tanto da intimidade e das ideias dos artistas, quanto do tempo histórico em que viveram.

Depois de concluir o *Diário da quarentena*, o conjunto de imagens em seu formato encadernado ganhou a ‘cara’ de um livro. Um livro de artista? Talvez, se considerarmos a definição proposta por Sousa (2011). Márcia Regina Pereira de Sousa, em sua dissertação de mestrado *O livro de artista como lugar tátil*, analisa diferentes conceituações e definições de livro de artista, com o objetivo de compreender a relação entre corpo e livro, a partir das sensações táteis que ele provoca. Para a pesquisadora, os livros de artista são objetos criados desde a concepção por um artista; “são geralmente produzidos levando-se em conta a estrutura formal e conceitual específica do livro: a forma livro integra as intenções de produção da obra” (SOUSA, 2011, p. 39).

Nesse terreno, ainda cheio de caminhos a serem trilhados, dada a relativamente recente utilização do suporte livro para expressão de conteúdos eminentemente visuais, há pesquisadores que, assim como eu, não fazem distinção entre diários, cadernos e livros de artista. É o caso de Márcia Moreno (2016) e Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (2018). Ambas os entendem como espaços de expressão poética e estética nos quais os artistas expõem reflexões, experiências e relatos do cotidiano, por meio de imagens e palavras. Para Nunes (2018), essas obras revelam uma forma de trazer o íntimo e o sensível, característicos da arte contemporânea.

Em suas produções contemporâneas, os artistas passaram a comentar as complexas tessituras do mundo real, ao absorver a vida cotidiana em suas grandezas e pequenezas, suas potências, seus estranhamentos e suas banalidades. Nesse processo, e na possibilidade de incorporação dos meios tecnológicos e virtuais, a produção artística redefiniu, assim, seus limites e suas potencialidades. As práticas e os sentidos artísticos estão demonstrando que os espaços devem ser ocupados por proposições repletas de afetividades e preocupações com as esferas de humanidade e interações socioculturais. (NUNES, 2018, p. 62)

Um pouco do que Adriana Calcanhoto nos traz em algumas de suas canções, particularmente em *Esquadros*:

Eu ando pelo mundo prestando atenção
Em cores que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo, cores

⁷ Diário escrito pela menina nos tempos em que viveu escondida dos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, e posteriormente publicado como livro.

Passeio pelo escuro
 Eu presto muita atenção no que meu irmão ouve
 Como uma segunda pele, um calo, uma casca
 Uma cápsula protetora

Eu quero chegar antes
 Pra sinalizar o estar de cada coisa
 Filtrar seus graus

Eu ando pelo mundo divertindo gente
 Chorando ao telefone
 E vendo doer a fome dos meninos que tem fome

Pela janela do quarto
 Pela janela do carro
 Pela tela, pela janela
 Quem é ela, quem é ela?
 Eu vejo tudo enquadrado
 Remoto controle

Eu ando pelo mundo
 E os automóveis correm para quê?
 As crianças correm para onde?

Transito entre dois lados de um lado
 Eu gosto de opostos
 Exponho o meu modo, me mostro
 Eu canto para quem?

Pela janela do quarto
 Pela janela do carro
 Pela tela, pela janela
 Quem é ela, quem é ela?
 Eu vejo tudo enquadrado
 Remoto controle

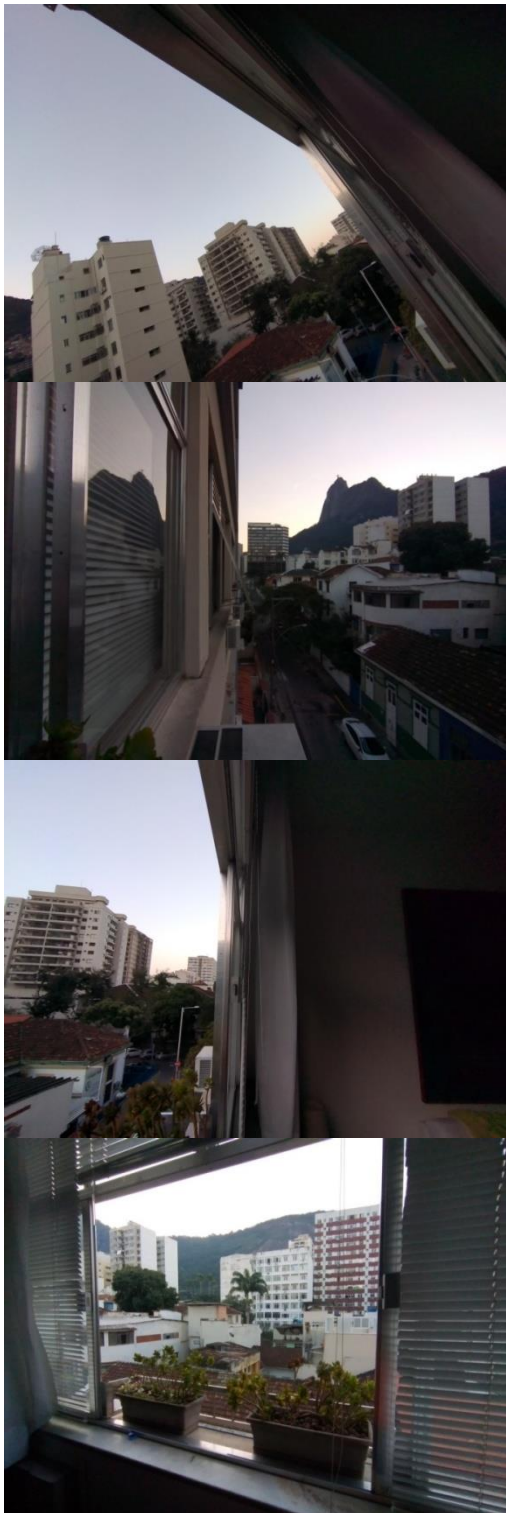
Eu ando pelo mundo, e meus amigos, cadê?
 Minha alegria, meu cansaço?
 Meu amor, cadê você?
 Eu acordei
 Não vi ninguém ao lado
 (CALCANHOTTO, 1992)

Imagem 36 - Atividade 60: Todos os dias



Atividade 60
 18/05/2020
 Todos os dias

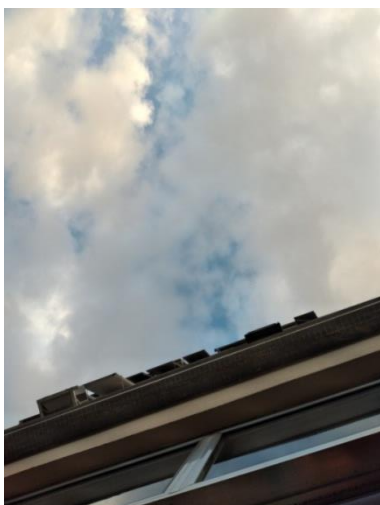
Imagem 37 - Atividade 70: Ângulos da janela



Atividade 70
28/05/2020
Ângulos da janela

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 38 - Atividade 67: Minha fachada



Atividade 67
25/05/2020
Minha fachada

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 39 - Atividade 78: Meus vizinhos



Atividade 78
05/06/2020
Meus vizinhos

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

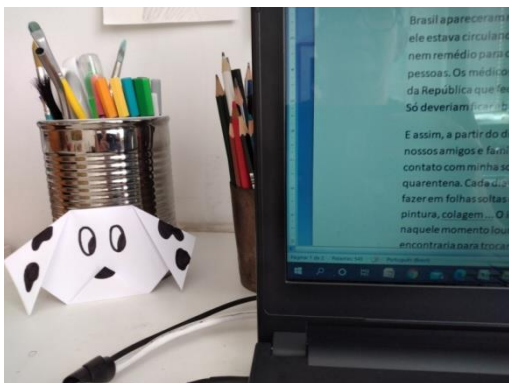
Imagem 40 - Atividade 46: Solzinho



Atividade 46
04/05/2020
Solzinho da tarde

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 41 - Atividade 73: Companheiro



Atividade 73

31/05/2020

Meu companheiro Malhado

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

4.2 Narrativa como método

Em sua tese de doutorado intitulada *Narrativas Poéticas em Publicações de Artista, Livros-objeto e Séries Gráficas: reminiscências, afetividades e outras delicadezas*, Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (2018) trata da importância da narrativa na arte contemporânea. Baseada nos estudos de Canton, ela afirma que essa tendência teria se estabelecido após um período de experimentalismos, que teria levado a arte a um hermetismo que acabou por desconectá-la e afastá-la do público. Em resposta a esse movimento, a partir dos anos 1980, os artistas “sentiram necessidade de se reaproximar da realidade e do espectador e retomaram a ideia de narrativa, passando a buscar uma produção que se relacionasse diretamente com fatos e movimentos da vida.” (NUNES, 2018, p. 61). Segundo a autora, foram

Transformações e flutuações identificadas, também na arte contemporânea, que, a datar da década de 1990, avançou por questões sociais e coletivas, onde verificou-se a preferência por temas, narrativas e questionamentos particulares e subjetivos. O processo criativo contemporâneo passou a pautar suas discussões em questões pessoais, autobiográficas, ligadas às origens, ao universo multicultural, com forte tradição regional e a memória local. Um peso significativo dentro das propostas dos artistas é identificado nas problematizações sobre o corpo, a memória e a própria história do artista. (NUNES, 2018, p.132)

Ainda apoiada nos estudos de Canton, Nunes (2018) destaca a dificuldade de estabelecer narrativas universais no mundo fragmentário e cheio de imagens e estímulos em que vivemos. Uma questão que o filósofo alemão Walter Benjamin já havia apontado no seu escrito *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*

(1985). Nele, mais do que analisar a obra do escritor russo, Benjamin tocava na questão do esvaziamento das narrativas, ao mesmo tempo fazia uma ode à figura do narrador, tratando de forma poética a relação entre a história, o narrador e o ouvinte.

Só que, para Benjamin, o processo de industrialização, e a conseqüente redução do trabalho artesanal na sociedade moderna, é o que teria levado a um declínio da capacidade de narração.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo (BENJAMIN, 1985, p.197).

Para melhor compreender esse aspecto do pensamento de Benjamin, precisamos colocar uma lupa sobre o conceito de experiência em sua obra. É o que faz Jeanne Marie Gagnebin no prefácio do livro *Magia e técnica, arte e política* (1985), no qual o texto que destacamos aqui está inserido. Segundo Gagnebin, esse conceito perpassa toda a obra do pensador. A experiência seria o elemento que garantiria uma memória e uma palavra comuns capazes de irmanar narrador e ouvinte. Ela teria o sentido de ensinamento, fruto de uma sabedoria reconhecida como válida e relevante para determinado grupo social. Para Benjamin, o fim da arte de contar estaria relacionado ao fracasso da experiência: “a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna” (BENJAMIN, 1985, p.10). Contar uma história requer um tempo que a sociedade moderna foi abandonando paulatinamente. Afinal, como destaca Benjamin,

O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos - as atividades intimamente associadas ao tédio - já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história (BENJAMIN, 1985, p. 204-205).

O narrador é o sujeito que consegue transformar a experiência em história, pode ser o viajante ou o camponês sedentário que reúne as experiências e tradições de sua comunidade que também são as experiências e tradições do ouvinte. A narrativa é, ela mesma, uma forma artesanal de comunicação, que mergulha na vida do narrador.

“Assim se imprime a marca do narrador como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1985, p. 205).

Seguindo a pista de Benjamin e de Nunes, para narrar é necessário implicar-se no objeto da narrativa, importa observar como as “tessituras do mundo real” (NUNES, 2018) podem se revelar aos olhos; mergulhar no tédio que choca os ovos da experiência (BENJAMIN, 1985). Nunes (2018) concentra-se nas memórias para trazer à sua obra o sentido da partilha da experiência comum. Afinal, um dos grandes desafios da narrativa é trazer significado universal para o que é particular.

Neste sentido, meu trabalho poético busca trazer à tona questões presentes em minhas histórias particulares. Todavia, essas histórias que, muitas vezes, intitulo de histórias pequenas por se tratarem de histórias de meu universo familiar e afetivo, também, podem conter características da história de alguma outra pessoa. Por esta razão, talvez possa narrar as recordações de alguém (NUNES, 2018, p. 63).

O movimento das mulheres negras tem muito a nos ensinar sobre resgatar narrativas pessoais. No livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), Grada Kilomba nos mostra a importância das memórias e das narrativas como forma de entender e se colocar no mundo. Defende que a fala é fundamental para aplacar nossas dores e combater a cultura do silenciamento, responsável pela opressão e pelo apagamento impostos a determinados grupos sociais.

Segundo a autora, o ato de escrever advém da fome de ganhar voz. Para ela, a história pode ser apropriada e transformada por meio da prática artística. Desse modo, Kilomba usa a literatura para falar do silenciamento das mulheres negras ao longo da história. Ela procura exprimir a realidade psicológica do racismo cotidiano a partir dos relatos e percepções de quem vivenciou tais experiências. E defende que falar é também uma forma de compreender, fazendo uma crítica aos espaços acadêmicos que qualificam seu método como pouco científico, muito pessoal, subjetivo e emocional.

Os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional – a chamada epistemologia – refletem não um espaço heterogêneo para a teorização mas sim os interesses políticos específicos da sociedade branca. Devido ao racismo as pessoas negras vêem e pensam de forma diferente, portanto questionam e interpretam a realidade de forma diferente (KILOMBA, 2019, p.48).

É preciso compreender que os relatos de racismo no caso do trabalho de Grada Kilomba e de outras mulheres negras não são situações pessoais, mas uma realidade que precisa ser revelada e teorizada. Para além dos relatos, Kilomba defende

uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todos nos falamos de um tempo e de um lugar específico, de

uma história e de uma realidade específicas. Não há discursos neutros. Desse modo, se esses ensaios parecem preocupados em narrar emoções a subjetividade como parte do discurso teórico vale lembrar que a teoria é sempre posicionada em algum lugar e sempre escrita por alguém (KILOMBA, 2019, p.51).

Opção compartilhada por Nunes, que adota o termo narrativas em sua pesquisa visual para “descrever essa necessidade de comunicação com o outro; a possibilidade de ‘narrar’ recordações e compartilhar histórias de afetividades familiares que aprecio dividir e procurar jamais esquecer” (NUNES, 2018 p. 58).

Para mim, falar da dor, das esperanças e do cotidiano do confinamento no *Diário da quarentena* foi um jeito de seguir em frente. Uma forma de conseguir parar, olhar para fora e também para dentro, compartilhar experiências e deixar o tempo fluir. Foi uma forma de resgatar raízes e memórias, de falar de um tempo histórico, de gritar, de resistir, de pensar na possibilidade de construção de outro mundo.

A prática do diário foi crucial para dar voz às angústias da pandemia. Foi em alguma medida uma forma de encarar a dor, o luto e as perdas; uma forma de enfrentar o imperativo da felicidade a qualquer custo, que conforme nos alertou Han (2021b), procura silenciar o sofrimento, seja por meio da ideologia do bem-estar permanente, seja por meio da medicalização que tenta apagar emoções entendidas como negativas. Nesse contexto, falar sobre as dores e angústias da pandemia me parece de um lado um ato de resistência e de outro um compromisso com a manutenção da saúde mental. Han, citando Adorno, confirma: “a necessidade de deixar o sofrimento se tornar eloqüente é condição de toda verdade, pois o sofrimento é a objetividade que enfarda o sujeito; o que ele experimenta como o mais subjetivo é mediado objetivamente” (*apud* HAN, 2021b, p. 29-30).

De forma semelhante, para Kilomba escrever é quase uma obrigação moral. Fazer o diário tornou-se para mim uma forma de ressignificar a realidade para sobreviver. Foi uma forma de lidar com toda a ansiedade, o medo, as esperanças, as angústias e as incertezas. Fomos verdadeiramente impregnadas pelas narrativas imagéticas que criamos para falar de um tempo histórico que se esboçava naqueles dias. Assim como, agora, me vejo a encerrar esse processo, incorporando de alguma forma esse texto àquela narrativa, o que tem me ajudado a desapegar da pandemia agora que a situação aparentemente serenou.

A narrativa, então, pode representar essa forma de comunicação, na qual o homem cria estratégias para contar diferentes histórias, quase sempre implicando sensações e sentimentos compartilhados com o outro. Afinal, como afirma Barthes (2013), a narrativa está presente no mito, na lenda, na

fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos e na conversação. Sob estas formas infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, começando com a própria história da humanidade, pois não há, em parte alguma, povo algum sem narrativa. Todos os grupos humanos têm suas narrativas e, frequentemente, tais narrativas são apreciadas por homens em comum ou por homens de culturas diferentes (NUNES, 2018, p. 32).

Encerro essa seção com a canção de Emicida⁸ (*feat.* Belchior) que embalou parte daqueles dias iguais, agora transformados em lembranças que podem de alguma forma nos acalmar e servir de inspiração para novas aventuras.

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
 Porque apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte
 E tenho comigo pensado: Deus é brasileiro e anda do meu lado
 E assim já não posso sofrer no ano passado

Imagem 42 - Atividade 74: Arco-íris



Atividade 74

01/06/2020

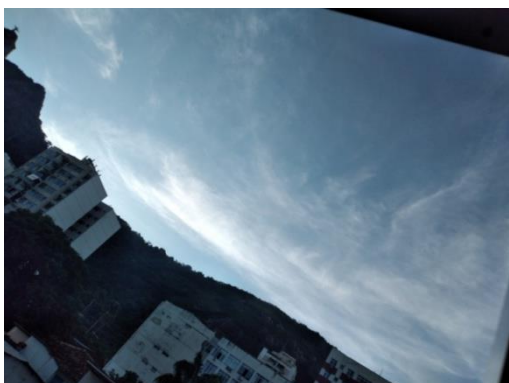
Arco-íris pelas janelas do mundo. Movimento que se espalhou por toda a parte com o lema *Vai passar*.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

⁸ AmarElo, canção de Emicida que também dá nome ao documentário lançado em 2021, foi uma espécie de hino de resistência durante a pandemia.

Imagem 43 - Atividade 54: Céu da janela



Atividade 54

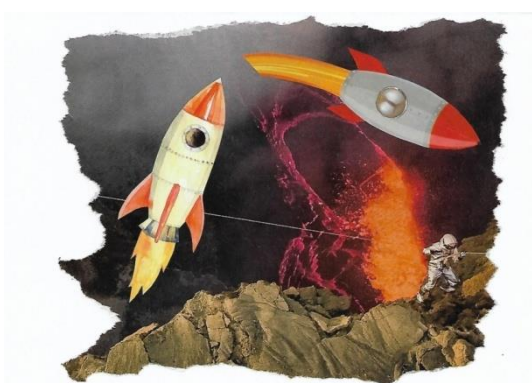
12/05/2020

Céu da janela

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Eu sonho mais alto que drones
 Combustível do meu tipo? A fome
 Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)
 Pra que amanhã não seja só um ontem com um novo nome
 O abutre ronda, ansioso pela queda (sem sorte)
 Findo mágoa, mano, sou mais que essa merda (bem mais)
 Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
 Estilo água, eu corro no meio das pedra
 Na trama tudo, os drama turvo, eu sou um dramaturgo
 Conclama a se afastar da lama enquanto inflama o mundo
 Sem melodrama, busco grana, isso é hosana em curso
 Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso
 É um mundo cão pra nós, perder não é opção, certo?
 De onde o vento faz a curva, brota o papo reto
 Num deixo quieto, não tem como deixar quieto
 A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto (vai!)

Imagem 44 - Atividade 72: Foguete



Atividade 72

30/05/2020

Mandaram um foguete para
 o espaço no meio da
 pandemia!

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

Imagem 45 - Atividade 50: Indígenas



Atividade 50

08/05/2020

Como você representaria a situação dos indígenas na pandemia?

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Figurinha premiada, brilho no escuro
 Desde a quebrada avulso
 De gorro, alto do morro e os camarada tudo
 De peça no forro e os piores impulsos
 Só eu e Deus sabe o que é não ter nada, ser expulso
 Ponho linhas no mundo, mas já quis pôr no pulso
 Sem o torro, nossa vida não vale a de um cachorro, triste
 Hoje Cedo não era um hit, era um pedido de socorro
 Mano, rancor é igual tumor, envenena a raiz
 Onde a plateia só deseja ser feliz (ser feliz)
 Com uma presença aérea
 Onde a última tendência é depressão com aparência de férias
 (Vovó diz) odiar o diabo é mó boi (mó boi)
 Difícil é viver no inferno (e vem à tona)
 Que o mesmo império canalha que não te leva a sério
 Interfere pra te levar à lona, revide!

Imagem 46 - Atividade 61: De pernas pro ar



Atividade 61

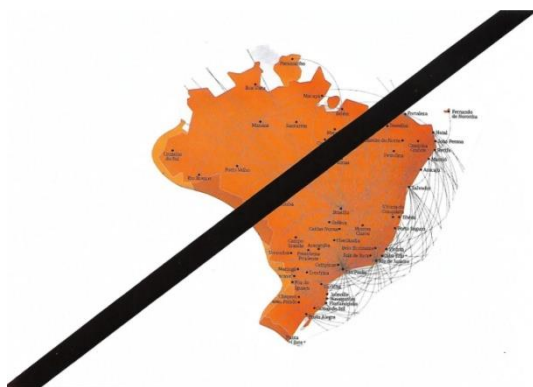
19/05/2020

Foto de baixo para cima.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

Imagem 47 - Atividade 59: Homenagem



Atividade 59

17/05/2020

Homenagem aos mortos pela
covidFonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
 Que nem devia tá aqui
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
 Alvos passeando por aí
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir

Imagem 48 - Atividade 57: Aquecendo



Atividade 57

15/05/2020

Aquecendo a alma

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Tenho sangrado demais
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

Imagem 49 - Atividade 71: Profissionais da saúde



Atividade 71

29/05/2020

Profissionais da saúde em
açãoFonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Aí, maloqueiro, aí, maloqueira
 Levanta essa cabeça
 Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)
 Respira fundo e volta pro ringue (vai)
 Cê vai sair dessa prisão
 Cê vai atrás desse diploma
 Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
 Faz isso por nós
 Faz essa por nós (vai)
 Te vejo no pódio

Imagem 50 - Atividade 65: Máscara



Atividade 65

23/05/2020

Boneca da quarentena que
troca de máscara todos os
dias.Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro
 (EMICIDA e VASSÃO; *sample* BELCHIOR, 2019)

4.3 Prática artística como prática pedagógica

Para mim, o *Diário da quarentena* teve duas vertentes igualmente importantes: de um lado, a proposição das atividades, e de outro, a realização das mesmas. Foi a primeira vez que pude combinar essas duas experiências, e dessa forma dar voz à professora e à artista que habitam em mim simultaneamente. Quantas vezes temos vontade de por a mão na massa durante as nossas aulas de arte? Só que nossa vida cotidiana não abre espaço para isso. Durante a pandemia tive esse privilégio. Claro que não estabeleci com o grupo do diário uma relação didática em sentido estrito. Não estávamos em uma aula de artes. Estávamos apenas compartilhando impressões da pandemia por meio de uma prática artística.

Não foram poucas as vezes em que pensava nos meus alunos, em como estariam passando esse período, sem ir à escola, sem nenhuma perspectiva. Pensava em como gostariam de fazer as atividades do diário e que caminhos eu poderia trilhar com eles. Foi daí que surgiu meu interesse em unir essa prática da quarentena com o meu trabalho como professora. Quando as aulas voltaram de maneira remota, trabalhei o *Diário da quarentena* em duas turmas, mas a precariedade das conexões, a falta de continuidade e as dificuldades materiais não nos possibilitaram avançar muito.

No retorno às aulas presenciais, embora a pandemia ainda esteja vigorando, o confinamento ficou muito distante. Então, faz-se necessário pensar em como essa prática pode ser adaptada à realidade pós-pandemia, resguardando a narrativa como método e o resgate e a construção de memórias como princípio. Para refletir sobre essa questão, fui em busca de trabalhos acadêmicos de pesquisadores que estudem as possibilidades pedagógicas do livro/caderno/diário de artista, e encontrei três dissertações e uma monografia de especialização apresentadas e defendidas no Brasil e em Portugal no período compreendido entre 2012 e 2020. São elas: *O livro de artista: um meio de exploração criativa*, de Inês Almeida (2012); *Cadernos de artistas: páginas que relevam olhares da arte e da educação*, de Clarisse Suzuki (2014); *Aprendendo através de imagens: o livro-objeto*, de Cindy Triana Guzman (2015); *O livro de artista: possibilidade como material didático pedagógico para ensino das artes visuais*, de Rose Mary Rodrigues (2020). Vejamos o que nos dizem as pesquisadoras.

Em seu relatório de mestrado, Inês Almeida investigou as possibilidades de o livro de artista ser “promotor do desenvolvimento de competências de imaginação e de

criatividade” dos alunos de uma escola secundária, situada em Lisboa, Portugal. O pressuposto da autora foi que os referidos alunos apresentavam um imaginário limitado e evidente fragilidade nas competências relativas à criatividade. Além da estratégia de aproximação com a literatura e das visitas de estudo em galerias e museus para contato com obras de arte, a utilização do livro de artista se mostrou de fundamental importância para que os estudantes desenvolvessem tais competências.

Em sua dissertação, Clarissa Suzuki toma como referência a perspectiva histórico-cultural de Vigotsky, Paulo Freire e Saviani para discutir a prática do caderno de artista vivida tanto pela autora quanto por seus alunos. Para ela, o caderno de artista é um importante instrumento na

construção do olhar no âmbito da arte e da educação, pois exige do sujeito uma predisposição para a reflexão constante, na qual a memória das experiências vividas em diálogo com as ideias/imagens do presente exerce papel fundamental na constituição do olhar, dando indícios da reconstrução da experiência, abrindo caminhos para a organização de significados sobre o vivido. O caderno é o guardador de tudo aquilo que o sujeito selecionou de mais precioso, é tudo aquilo que ele acha que vale a pena guardar (SUZUKI, 2014, p.15).

Além da relevância desse recurso para construção do conhecimento em arte, a pesquisadora destaca sua importância para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, na medida em que eles podem trazer sua identidade para o processo de aprendizagem. Como procedimento metodológico, o uso do caderno garante um espaço de experimentação e de registro que permite futuras indagações.

Cindy T. Guzman pretendeu desenvolver um estudo sobre o que chama de livro-objeto. Para ela, esse instrumento apresenta algumas características peculiares que ampliam as possibilidades de leitura. Partindo da pesquisa interativa realizada pela autora com alunos da quarta série do ensino fundamental de uma escola estadual em São Paulo, o estudo associa o esforço da busca do conhecimento estético do artista – no caso as vanguardas modernistas da primeira metade do século passado – com o esforço de apreensão e interpretação desse conhecimento por parte dos alunos. De acordo com a autora, considerando o resultado alcançado no processo de confecção do livro-objeto pelos alunos e pelas alunas, foi possível constatar o ganho de autonomia e o reconhecimento da identidade própria dos participantes.

O trabalho de Rose Mary Rodrigues, uma monografia de especialização, busca explorar as possibilidades de uso multidisciplinar do livro de artista quer como material didático pedagógico, quer como auxiliar na compreensão geral sobre “novas maneiras de fazer e compreender arte” (RODRIGUES, 2020). Para tanto, a pesquisadora levantou

alguns relatos de experiências com a utilização do livro de artista. Ela sugere ser o “livro de artista” um suporte ideal para o desenvolvimento integrado da criatividade, da técnica e do uso de diferentes materiais de expressão plástica, inclusive de materiais reciclados não convencionais. Por fim, a autora conclui que o livro de artista pode ser um excelente estimulador da criatividade infantil.

Esse breve resumo nos mostra que o livro/caderno/diário de artista como uma das formas de expressão da arte contemporânea tem ocupado as salas de aula e a preocupação de professores/pesquisadores, envolvendo todos os termos por elas levantados: **criatividade, imaginação memória, experiência, identidade, afeto, autonomia, experimentação, expressão**. A arte de construir identidades e conexões por meio das narrativas acompanha a humanidade desde tempos imemoriais, como vimos ao longo desse trabalho. Resta-nos, como professores, criar espaços para que ela possa vir à tona. Espaços de expressão e de liberdade para que possamos nos ver por inteiro.

Imagem 51 - Atividade 47: Baú



Atividade 47

05/05/2020

Baú de fotos

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 52 - Atividade 58: Viagens



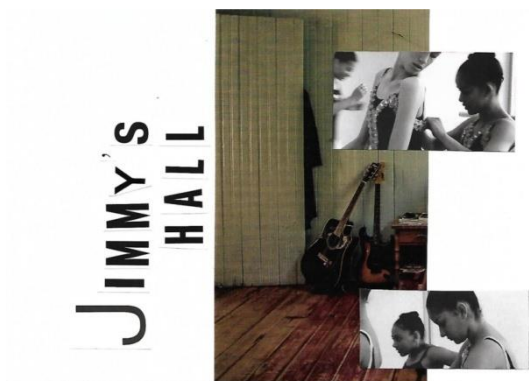
Atividade 58

16/05/2020

Álbuns de viagens

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 53 - Atividade 66: Filme



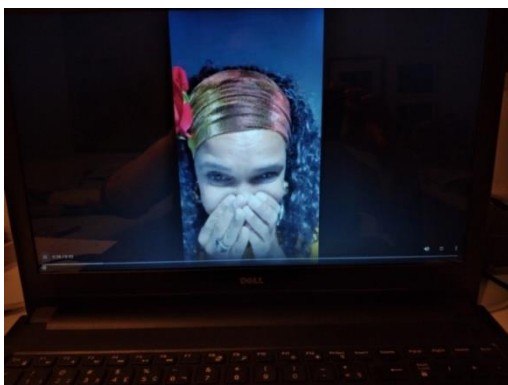
Atividade 66

24/05/2020

Cartaz do meu filme favorito

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 54 - Atividade 42: Noites com Teresa



Atividade 42

30/04/2020

Noites com Tetê

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

Imagem 55 - Atividade 62: Barco



Atividade 62

20/05/2020

Se eu tivesse um barco iria direto para...

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagem 56 - Atividade 80: Jornada



Atividade 80

07/06/2020

Eu e o diário da quarentena.

Uma longa jornada.

Fonte: *Diário da quarentena*, acervo pessoal.

A nossa viagem com o *Diário da quarentena* acabou se revelando maior e mais longa do que o previsto. Foram 80 dias ininterruptos de travessia, com cerca de dez tripulantes, em momentos distintos, durante a primeira onda da pandemia. Começamos o diário no dia 20 de março de 2020 e seguimos até o dia 7 de junho. Ter um tempo todos os dias para pensar no que estávamos vivendo e ressignificar essa realidade por meio de imagens foi uma forma de assentar as ideias e os sentimentos, de estabelecer o tal momento de contemplação sobre o qual Han (2017) nos falava. Criou-se um ritual com seu tempo, ritmo e compasso. Passei a buscar nos jornais, nos livros de arte, na literatura, no prazer de olhar para os objetos a minha volta uma forma de ver um pouco de poesia na monotonia do cotidiano. Compartilhar a proposta de atividade do dia e ver como cada uma das participantes ia resolvendo os desafios propostos me deu força para seguir em frente.

Por outro lado, trazer os elementos e sentimentos do cotidiano para um trabalho artístico me possibilitou verificar na prática um pouco do que vim buscar no curso *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*. A minha formação como professora de artes se deu nos anos de 1980. Sua ênfase estava nos aspectos formais da arte, na leitura das obras, na técnica, na educação do olhar para uma apreciação estética dos grandes artistas de todos os tempos. De volta às salas de aula há cerca de cinco anos, percebi que os parâmetros mudaram e que hoje torna-se fundamental incluir nas práticas

pedagógicas e artísticas as subjetividades e as particularidades, como destacou Nunes (2018), ou a experiência, conforme descrita por Benjamin (1985).

Abriu-se um para mim um novo campo de interesse, do qual esse estudo é apenas o passo inicial. Nesse sentido, vejo esse texto, dialeticamente, como o início, o fim e o meio. Escrever esse trabalho me possibilitou refletir sobre essa prática artística e sobre a experiência da pandemia, e de certa maneira foi também uma forma de transformar a pandemia em um passado, deixá-la no campo da memória. É ainda o fim do ciclo de estudos da pós-graduação. É meio porque no tempo em que escrevo me encontro ainda imersa nessas questões. E é início porque abre uma nova etapa, com novos interesses e possibilidades de estudos e percursos em que pretendo estar atenta para transformar o espaço das minhas aulas de artes em um ambiente rico, mesmo que vivamos em um mundo cada vez mais pobre de experiências.

Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá
 Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá

Que a fé tá na mulher
 A fé tá na cobra coral (Oh! Oh!)
 Num pedaço de pão
 A fé tá na maré
 Ta na lâmina de um punhal (Oh! Oh!)
 Na luz, na escuridão

Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá (olêlê)
 Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá (Olalá)

A fé tá na manhã
 A fé tá no anoitecer (Oh! Oh!)
 No calor do verão
 A fé tá viva e sã
 A fé também tá prá morrer (Oh! Oh!)
 Triste na solidão

Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá
 Oh Minina!

Certo ou errado até
 A fé vai onde quer que eu vá (Oh! Oh!)
 A pé ou de avião
 Mesmo a quem não tem fé
 A fé costuma acompanhar (Oh! Oh!)
 Pelo sim, pelo não

Andá com fé eu vou
 Que a fé não costuma faiá (Olêlê!)
 (GIL, 1982)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inês. **O livro de artista: um meio de exploração criativa**. Lisboa, Portugal. Mestrado em Ensino de Artes Visuais/Universidade de Lisboa. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, 2012.

_____. **O Livro de Artista enquanto ferramenta pedagógica**. Revista: Estúdio, Artistas sobre outras Obras. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316, Lisboa, v. 3, n. 6, p. 143-148, dez. 2012a.

ANTUNES, Arnaldo. **Socorro**. *In*: Um som. Rio de Janeiro: BMG Brasil, 1998. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/44207/>>. Acesso em 12 jan 2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CALCANHOTTO, Adriana. **Esquadros**. *In*: Senhas. Rio de Janeiro: Sony Music Brasil, 1992. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/adriana-calcanhotto/43856/>>. Acesso em 17 mar 2022.

CARVALHO, Hermínio Bello de; VIOLA, Paulinho da. **Timoneiro**. *In*: Bebado samba. Rio de Janeiro: RCA, 1996. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/paulinho-da-viola/162803/>>. Acesso em 12 jan 2022.

EMICIDA; BELCHIOR; MAJUR; VITTAR, Pablio. **AmarElo (sample Sujeito de sorte)**. *In*: AmarElo. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablio-vittar/>>. Acesso em 17 mar 2022.

FABRIS, Annateresa. O Livro de Artista: da ilustração ao objeto. **Estado de São Paulo**. Suplemento, páginas 6 e 7. São Paulo, 2009. Disponível em <<https://seminariolivrodeartista.wordpress.com/2009/09/22/o-livro-de-artista-da-ilustracao-ao-objeto/>>. Acesso em 22 nov 2019.

GIL, Gilberto. **Andar com fé**. *In*: Um banda um. Rio de Janeiro: Sony Music Brasil, 1982. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/46184/>>. Acesso em 17 mar 2022.

GUZMAN, Cindy Triana. **Aprendendo através de imagens: o livro-objeto**. São Paulo, SP: Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado, 2015. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-01122015-101037/pt-br.php>>. Acesso em 29 abr 2022.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Editora Vozes, 2021a.

_____. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2.ed Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Tradução de Lucas Machado. 1. ed Petrópolis: Editora Vozes, 2021b.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORENO, Márcia. **O Diário Visual das Memórias a partir do Livro de Artista: uma proposta de ensino aprendizagem desenvolvida no PARFOR**. Revista Matéria-Prima. Vol. 4 (3): 94-104,2016. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28352/2/ULFBA_MatPrima_V4N3_p94-104.pdf>. Acesso em 29 abr 2022.

NUNES, Alexandra Kloeckner Eckert. **Narrativas Poéticas em Publicações de Artista, Livros-objeto e Séries Gráficas: reminiscências, afetividades e outras delicadezas**. Tese para Universidade FEEVALE. Nova Hamburgo, RS: 2018
Disponível em: <<https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000019/0000193b.pdf>>. Acesso em 29 abr 2022

RAMIS, Harold. **Feitiço do tempo**. Los Angeles, EUA:Columbia Pictures, 1993

RODRIGUES, R. M. A. **O livro de artista: possibilidade como material didático pedagógico para ensino das artes visuais**. Contagem, MG: PPG-Artes/EBA/UFGM, monografia de especialização em Ensino de Artes e Tecnologias Contemporâneas, 2020.

SANTOS, Lulu. **A cura**. In: Toda forma de amor. Rio de Janeiro: RCA, 1988. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/lulu-santos/47127/>>. Acesso 12 jan 2022.

SEIXAS, Raul. **O dia em que a terra parou.** *In:* O dia em que a terra parou. Rio de Janeiro e São Paulo: Warner Music Brasil, 1977. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/o-dia-em-que-a-terra-parou.html>>. Acesso em: 12 jan 2022.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SOARES, Bernardo. Heterônimo de PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego.** Vol. I. Lisboa: Ática, 1982.

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. **O livro de artista como lugar tátil.** Dissertação para UDESC, Florianópolis, SC: 2009. Disponível em: <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-130041/o-livro-de-artista-como-lugar-tatil>>. Acesso em 29 abr 2022.

SUZUKI, Clarissa Lopes. **Cadernos de Artista: páginas que revelam olhares da arte da educação.** São Paulo, SP: Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado, 2014. 254p. :il + composto de 4 cadernos. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-08062015-124306/pt-br.php>>. Acesso em 19 dez 2019.

VELOSO, Caetano. **Oração ao tempo.** *In:* Cinema transcendental. Rio de Janeiro: Phillips Records, 1979. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760/>>. Acesso em 12 jan 2022.

ANEXO I

Diário da quarentena

Atividade 1

Dia 20/3 - Pensei na primeira atividade do nosso diário. Pode ser um desenho, colagem ou pintura com o tema *Eu e meus parceiros de quarentena*.

Atividade 2

Dia 21/3 - Oi, boa tarde, meninas. A nossa atividade de hoje para o diário da quarentena é representar o lugar da casa que você está curtindo mais na sua casa. Beijos!

Atividade 3

Dia 22/3 - Bom dia, meninas. Segue a proposta de hoje para o nosso diário. Muitas pessoas estão usando o tempo disponível para fazer coisas que nunca fizeram. O que você está aprendendo a fazer nessa quarentena?

Atividade 4

Dia 23/3 - Oi, meninas. Nossa tarefa de hoje é representar o que você não está gostando nesse período de quarentena.

Atividade 5

Dia 24/3 - Oi, meninas, como estão os diários? Nada de deixar acumular tarefas. Que tal registrarmos hoje como as redes sociais têm nos ajudado nesse momento? Beijos!

Atividade 6

Dia 25/3 - Oi, aí vai nossa atividade do dia. Do que tenho mais medo nesse momento?

Atividade 7

Dia 26/3 - Monte uma natureza morta com objetos da sua casa. Exemplo: Cézanne

Atividade 8

Dia 27/03 - O que eu vi de legal na TV hoje?

Atividade 9

Dia 28/3 - O mundo está de cabeça para baixo, como nesse quadro do Magritte? O que posso ver de um ângulo diferente hoje?

Atividade 10

Dia 29/03 - Veja esse trabalho do Roy Lichtenstein. Estamos precisando mesmo de um super-herói. Crie o seu, e não esqueça de explicar os seus poderes.

Atividade 11

Dia 30/03 - Oi, meninas. Tenho uma amiga que está postando no *Facebook* imagens da sua janela. O que vemos das nossas janelas?

Atividade 12

Dia 31/03 - Saudades de quem? Use esse trabalho do Matisse como inspiração.

Atividade 13

Dia 1/4 - Hoje meu almoço foi...

Atividade 14

Dia 2/4 - Como está seu bicho de estimação durante a quarentena? Não tem? Invente um. Esse quadro do Miró pode servir de inspiração.

Atividade 15

Dia 3/4 - Todo mundo cozinhando muito nessa quarentena. Como é sua cozinha?

Atividade 16

Dia 4/4 - Minhas plantas estão resistindo ao corona.

Atividade 17

Dia 5/4 - A cidade está tranquila. O que mudou no som ao redor da minha casa?

Atividade 18

Dia 6/4 - Ilustre uma música da sua preferência.

Atividade 19

Dia 7/4 - Leu algum livro bacana durante a quarentena? Faça o registro no seu diário.

Atividade 20

Dia 8/4 - Hoje o dia amanheceu chuvoso depois de muito tempo.

Atividade 21

Dia 9/4 - Hoje acordei com uma saudade enorme do mar. Lembrei do trabalho da Adriana Varejão chamado *Celacanto provoca maremoto*. Como podemos representar o mar?

Atividade 22

Dia 10/4 - Mostre uma ou mais gambiarras que você está tendo que fazer nessa quarentena. Pode inventar uma, se quiser.

Atividade 23

Dia 11/04 - Vendo o trabalho *Desvio para o vermelho* (1967-1984), do Cildo Meireles, lembrei do desenho do quarto da Ana Clara. Vamos escolher uma cor bacana para representar um canto da nossa casa?

Atividade 24

Dia 12/4 - Páscoa 2020

Atividade 25

Dia 13/4 - Como podemos intervir nos azulejos do banheiro? Se inspire no trabalho de Alex Ceverny no livro *Arte brasileira para crianças*.

Atividade 27

Dia 14/4 - A nossa atividade hoje é dar uma função lúdica/artística a um objeto do cotidiano. É baseada na obra de Guto Lacaz, *Omomáscara*, de 1990. Essa é mais uma atividade do livro *Arte brasileira para crianças*.

Atividade 26

Dia 14/4 - Essa atividade também é do livro *Arte brasileira para crianças*. Deixe pegadas engraçadas pela casa. Baseada na obra de José Damasceno, a atividade consiste em fazer um molde dos nossos pés e aplicar as pegadas pela casa.

Atividade 28

Dia 16/4 - Cabelos. Tá todo mundo sem ir ao cabeleireiro nessa quarentena. Como podemos transformar nossa relação com esse cabelo desarrumado em arte? Tunga tem uma série de trabalhos sobre o tema. Em mais uma atividade proposta no livro *Arte brasileira para crianças*, vamos nos basear na obra *Trança III*, de 1984, de Tunga, para fazer essa atividade.

Atividade 29

Dia 17/4 - Escolha oito palavras importantes para você nessa quarentena e depois busque imagens que possam ilustrá-las. Faça uma ficha para cada uma delas, como Jonathas de Andrade propõe na obra *Educação para adultos*, de 2010. Mais uma atividade baseada no livro *Arte brasileira para crianças*.

Atividade 30

Dia 18/4 - Vamos prestar atenção nas luzes e sombras de nossas casas e fazer um registro bacana? Tomaremos como referência a obra *In Absentia: M.D.*, de 1983, de Regina Silveira, em mais uma atividade proposta no livro *Arte brasileira para crianças*.

Atividade 31

Dia 19/4 - Hoje arrumei o meu guarda-roupa. Me dei conta de que só estou usando as mesmas roupas. Como está o nosso *look* nessa quarentena?

Atividade 32

Dia 20/4 - A partir do dia 23/4, o uso de máscaras será obrigatório na cidade do Rio de Janeiro. Você já tem a sua? Mostre aqui. Se ainda não tem, qual modelo gostaria?

Atividade 33

Dia 21/4 - Parece que os bichos tomaram conta da cidade. Aqui em casa não param de aparecer bichos diferentes. Registre um bicho legal que veio te visitar e um que você não achou tão legal assim.

Atividade 34

Dia 22/4 - Varre, lava, seca, passa pano, borrifa álcool, água sanitária. Tá com mania de limpeza? Mostra pra gente.

Atividade 35

Dia 23/04 - Homenagem a São Jorge nesse 23 de abril de 2020.

Atividade 36

Dia 24/4 - Veja os retratos de Lydia Delectorskaya, pintados por Henri Matisse. Que tal matar a saudade daquele (a) amigo (a) fazendo um retrato dele?

Atividade 37

Dia 25/4 - Hoje participei do sarau virtual da escola. Muita música e poesia de alunos e professores. Vamos ilustrar uma poesia que fale do nosso estado de espírito atual?

Atividade 38

Dia 26/4 - Fé e religiosidade na quarentena. Como ela está presente em nosso dia a dia?

Atividade 39

Dia 27/4 - As mesas, as toalhas, a louça de Matisse são nossa inspiração no dia de hoje. Arrasem.

Atividade 40

Dia 30/4 - Outro dia assisti minha primeira *live*. Já viram uma? Como a gente pode registrá-la?

Atividade 41

Dia 1/05 - O trabalho, os trabalhadores, sua lida, suas reivindicações e angústias são nossas inspirações para o dia de hoje. Um bom Primeiro de Maio a todos.

Atividade 42

2/5 - Outro dia limpei minhas marionetes e tirei uma foto delas. Isso me fez lembrar de um trabalho do Nelson Leirner que vi no livro *Arte brasileira para crianças*. Vamos tirar nossos brinquedos das prateleiras?

Atividade 43

Dia 4/5 - Hoje perdemos o magistral Aldir Blanc. Vamos prestar-lhe uma homenagem? Deixo abaixo a letra de *O bêbado e a equilibrista*:

Caía a tarde feito um viaduto
 E um bêbado trajando luto me lembrou Carlitos
 A lua, tal qual a dona de um bordel
 Pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel
 E nuvens, lá no mata-borrão do céu
 Chupavam manchas torturadas, que sufoco
 Louco, o bêbado com chapéu-côco
 Fazia irreverências mil pra noite do Brasil, meu Brasil
 Que sonha com a volta do irmão do Henfil
 Com tanta gente que partiu num rabo-de-foguete
 Chora a nossa pátria, mãe gentil
 Choram Marias e Clarices no solo do Brasil
 Mas sei, que uma dor assim pungente
 Não há de ser inutilmente, a esperança
 Dança na corda bamba de sombrinha
 E em cada passo dessa linha pode se machucar
 Azar, a esperança equilibrista
 Sabe que o show de todo artista tem que continuar

Atividade 44

Dia 5/5 - Muito temos falado sobre nossas janelas. Que tal hoje olharmos com mais carinho para nossas portas?

Atividade 45

Dia 6/5 - Qual é a estampa que você mais curte na decoração da sua casa?

Atividade 46

Dia 7/5 - Esse dia frio e chuvoso me lembrou uma obra de Fernanda Gomes, publicada no livro *Arte brasileira para crianças*. Vejam a imagem da obra *Sem título*, de 1999. Ela é nossa inspiração para hoje. Vou gravar um áudio com o texto sobre o trabalho da Fernanda, que está no livro.

Atividade 47

Dia 8/5 - Muita gente está aproveitando a quarentena para arrumar os armários, as gavetas, as memórias. Isso me fez lembrar da obra de Rosângela Rennó com arquivos fotográficos. Já revisitou suas fotos nessa quarentena? O que você encontrou nas suas gavetas? Recomendo duas obras da Rosângela Rennó: *As afinidades eletivas* e *A mulher que perdeu a memória*, ambas disponíveis no site da Enciclopédia Itaú Cultural.

Atividade 48

Dia 9/5 - A atividade de hoje é uma delícia. Livre criação baseada nas colagens de Beatriz Milhazes *Garoto*, de 2004 e *Serenata de amor*, de 2005.

Atividade 49

Dia 10/5 - Ilustrar o texto de Elena Barnabé, compartilhado pela Rose aqui no grupo.

Atividade 50

Dia 11/5 - Caramba, chegamos à atividade 50! A gente achou que a quarentena ia durar uns 15 ou 20 dias e já estamos em maio. As aulas passaram a ser online e estamos vivendo uma nova realidade. Por conta das atividades escolares a distância, a Ana Clara teve que sair do nosso grupo. Vou propor hoje um trabalho em homenagem a ela. No início da quarentena, Ana Clara fez um desenho inspirada em um vídeo que ela tinha gostado muito, sobre a construção de casas indígenas. Tenho visto muitas matérias de jornais falando da preocupação dos infectologistas com a chegada da covid nas aldeias. Como podemos representar a situação dos indígenas?

Atividade 51

Dia 12/5 - Está dando para ver o céu daí? Como você está vendo o céu hoje?

Atividade 52

Dia 13/05 - Deixo essas flores para confortar nossos corações. O que você mandaria para um amigo, quase irmão, para trazer um pouco de aconchego?

Atividade 53

Dia 14/5 - Terça ou sábado? Maio ou março? Estamos meio perdidos no tempo. Como transformar calendários e agendas em arte?

Atividade 54

Dia 15/5 - Hoje foi um dia frio e chuvoso. O que fizemos para aquecer o corpo e a alma?

Atividade 55

Dia 16/5 - Pensei que seria um bom desafio fazermos uma receita ilustrada. Que tal?

Atividade 56

Dia 17/5 - Quem tem uma peça de cerâmica especial? Conte sua história

Atividade 57

Dia 18/5 - Trancados em casa, andando para lá e pra cá, é impossível não reparar nos pisos. Quantos tipos de piso tem na sua casa? Mostre pra gente.

Atividade 58

Dia 19/5 - Olha que delícia esse álbum de viagens da Tarsila do Amaral. Podemos viajar por meio de nossa imaginação e de nossas recordações. Que tal montar uma página de viagens? Ela pode ser real ou imaginária, passada ou futura. Vamos lá?

Atividade 59

Dia 20/5 - Vejam que linda homenagem os jangadeiros de Alagoas fizeram aos mortos pela covid. Como nós podemos retribuir essa homenagem, deixando-a registrada em nosso diário?



Fonte: Jornal Extra. Disponível em:

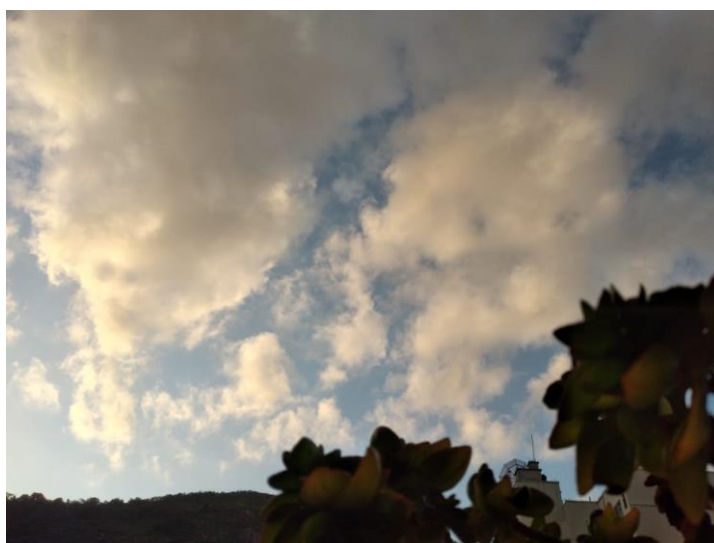
<<https://novoextra.com.br/img.php?w=770&h=400&src=uploads/imagens/2020/05/velario.jpg>> Acesso em 20 mai 2020.

Atividade 60

Dia 21/5 - O que você faz todos os dias nessa quarentena?

Atividade 61

Dia 22/5 - Tirei essa foto de baixo para cima, na janela da minha casa. Vamos tentar fazer uma foto legal de baixo para cima?



Atividade 62

Dia 23/5 - Estava aqui vendo meu barquinho e pensando onde ele poderia me levar hoje.



Atividade 63

Dia 24/5 - Lavando as compras, minha filha?

Atividade 64

Dia 25/5 - Durante a quarentena, me vejo fazendo coisas loucas e estranhas. Qual foi a maior maluquice que você fez?

Atividade 65

Dia 26/5 - Já viram a Barbie da quarentena? Se você fosse criar um(a) boneco(a) para te fazer companhia como ele seria?

Atividade 66

Dia 27/5 - Que tal fazer um cartaz do seu filme favorito?

Atividade 67

Dia 28/5 - Vamos pensar na fachada de nossas casas ou apartamentos? A pintura de Alfredo Volpi pode nos inspirar.

Atividade 68

Dia 29/5 - Está conseguindo ler? Faça um registro da sua estante.

Atividade 69

Dia 30/5 - Gente, mandaram um foguete para o espaço no meio da pandemia! Vamos deixar registrado?

Foguete da SpaceX com dois astronautas é lançado na Flórida

Fonte Ciência e Saúde - G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/05/30/foguete-da-spacex-com-dois-astronautas-e-lancado-na-florida.ghtml>>.

Atividade 70

Dia 31/5 - Desafio de hoje: quatro imagens diferentes da sua janela.

Atividade 71

Dia 1/6 - Estamos vendo gigantescas manifestações antirracistas nos Estados Unidos. Sugiro como tema de hoje o *slogan* dessas manifestações: vidas negras importam.

Atividade 72

Dia 2/6 - Meu tapete é listrado. Tem alguma listrinha aí na sua casa?

Atividade 73

Dia 3/6 - Vamos fazer um companheiro de papel para nos fazer companhia. Veja na internet um tutorial de como fazer um bichinho de origami. Não esqueça de dar um nome para ele.

Atividade 74

Dia 4/6 - Crianças da Europa e EUA desenharam arco-íris para colocar nas janelas, uma mensagem de esperança na quarentena. Vamos fazer os nossos?

Atividade 75

Dia 5/6 - O trabalho dos entregadores, carteiros e motoboys tem sido importante nessa pandemia. Como você pode representá-los?

Atividade 76

Dia 6/6 - Hoje é sábado. Prepare a roupa para uma festinha virtual.

Atividade 77

Dia 7/6 - Yayoi Kusama é uma artista japonesa que tem os pontos e as bolas como objeto principal de sua obra. Que objetos de sua casa podem ser representados com bolas?

Atividade 78

Dia 8/6 - Depois de tanto tempo em casa, a gente passa a olhar para a vizinhança. Qual vizinho chama mais atenção?

Atividade 79

Dia 9/6 - Sabe quem está com vontade de passear? ☂

Atividade 80

Dia 10/6 - Eu e o diário da quarentena